



CURSO DE TEOLOGIA EAD

Atos I



UCLN

UNIVERSIDADE
CRISTÃ
CONHECIMENTO
e LIDERANÇA AVANÇADA

Sumário

O autor do livro de Atos	9
Síntese do livro de Atos.....	16
Os personagens secundários	17
A plenitude dos tempos: a situação histórica dos Atos	19
Contexto e relevância para hoje	22
A promessa do Espírito Santo.....	23
O tempo da espera.....	24
A realidade da ascensão.....	25
Outro apóstolo no lugar de Judas	26
A vinda do Espírito Santo no Pentecostes	27
As quatro experiências proporcionadas pelo Pentecostes.....	28
O dia de Pentecostes	28
Falar em outras línguas.....	29
Lições do Pentecostes.....	30
Efeitos do Pentecostes.....	31
A tentativa de parar a igreja com a perseguição.....	32
O povo.....	33
As autoridades	34
Os apóstolos	35
A Oração, a Obediência e o Espírito Santo.....	37
Enfrentando os constantes ataques do Inimigo e a importância da obediência.....	37

Lidando com os desafios do crescimento da Igreja	39
Estêvão, o primeiro mártir da Igreja.....	40
A ousadia de Filipe.....	44
Filipe evangeliza a cidade	45
Filipe evangeliza o etíope	46
Saulo/Paulo encontra com Jesus na estrada	47
Paulo: o perseguidor dos cristãos.....	48
Paulo e Jesus: a conversão na estrada.....	49
Paulo e Ananias: a recepção na Igreja	49
Paulo e Barnabé: a apresentação aos apóstolos em Jerusalém.....	51
Pedro e sua grande visão missionária	52
Pedro fez milagres.....	53
Pedro foi chamado por Cornélio, o centurião.....	54
Pedro recebeu uma visão extraordinária	55
Pedro chegou à família de Cornélio	56
Pedro justificou suas ações.....	57
Crescimento x adversidade	58
Expansão: a Igreja em Antioquia.....	58
O espírito santo e a obra missionária.....	63
A urgência e soberania de Deus	64
Paulo e Barnabé em Chipre	64
Paulo e Barnabé em Antioquia da Pisídia	65
Paulo e Barnabé em Listra e Derbe	65
O retorno a Antioquia	65

A consulta e a resolução na assembleia	66
O debate na Igreja de Antioquia	67
Os participantes do Concílio.....	68
A decisão comunicada a Antioquia	69
Conclusão.....	72
Material complementar.....	73
Referências	74

Introdução

Nos Evangelhos, encontramos relatos da vida e ministério de Jesus, mas é no livro de Atos dos Apóstolos que adentramos na história da Igreja primitiva, tornando-os um componente fundamental do cânon bíblico. O livro de Atos é de extrema relevância para a compreensão da fé cristã. Nele, testemunhamos a Igreja, apesar das perseguições constantes, experimentando um notável crescimento. A frase atribuída a Tertuliano, que foi autor e apologista do cristianismo, é verdade: “O sangue dos mártires é a semente da Igreja.”

Esse extraordinário crescimento da Igreja Cristã pode ser atribuído ao domínio do poder do Espírito Santo, que a impulsionou e capacitou para o testemunho. Muitos estudiosos argumentam que o título mais apropriado para o livro seria Os Atos do Espírito Santo através dos Apóstolos.

No entanto, é crucial evitar romantizar a Igreja primitiva, pois ela estava longe de ser perfeita, enfrentando problemas como rivalidades, divisões, hipocrisias, heresias e imoralidades. Estamos lidando com cerca de três décadas cruciais na história do mundo, entre os anos 33 e 64 d.C. Nesse curto período, um movimento cresceu de tal maneira que se tornou a maior religião do mundo, transformando centenas de milhões de vidas. As décadas registradas no livro de Atos tiveram um impacto imenso em todos os aspectos da sociedade da época.

O livro de Atos dos Apóstolos é um dos principais registros desse fenômeno de crescimento da fé cristã. Embora haja debates sobre o nome correto do livro, ele não relata os atos de todos os apóstolos, mas se concentra em alguns deles, especialmente Pedro, Paulo e Tiago, o meio-irmão de Jesus.

O versículo-chave do livro de Atos (At. 1,8), declara: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.” Esse versículo revela o propósito do livro, que é uma narrativa especial sobre o estabelecimento e a expansão da Igreja, tanto entre judeus quanto

gentios, à medida que novos centros de influência surgem gradualmente em pontos-chave do Império Romano, desde Jerusalém até Roma.

Lucas, autor do livro de Atos, demonstra que, com a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, os discípulos receberam o poder necessário para testemunhar, começando em Jerusalém, depois em Judeia e Samaria e assim por diante, alcançando os confins da terra. Este livro é uma crônica do avanço do Evangelho, uma jornada que moldou a história da fé cristã.

Nesse sentido, o propósito deste material em si, enquanto um apanhado geral dos capítulos de Atos, é apresentar os acontecimentos que permearam a vida dos personagens principais, a sua contribuição na Bíblia como um todo e sua mensagem, reforçando o caráter hermenêutico, isto é, interpretar a Bíblia a fim de compreender a Palavra de Deus.

Objetivos

- Entender o contexto histórico e cultural do livro de Atos, incluindo a “plenitude dos tempos” para o nascimento e expansão da Igreja Primitiva, e a promessa e vinda do Espírito Santo no Pentecostes, que capacitou os apóstolos para a pregação e expansão da igreja.
- Investigar as práticas fundamentais da igreja primitiva, como oração e obediência, e como a influência do Espírito Santo contribuiu para a ousadia e crescimento da igreja apesar das adversidades.
- Analisar as contribuições e jornadas espirituais de figuras-chave como Filipe, Saulo/Paulo e Pedro, destacando eventos significativos como a conversão de Saulo e a visão missionária de Pedro.
- Refletir sobre os desafios enfrentados pela igreja primitiva, tanto internos quanto externos, e como esses foram transformados em oportunidades para a expansão da fé, promovendo a aplicação prática dos ensinamentos e princípios de Atos na vida cristã contemporânea.

O autor do livro de Atos

O autor do livro de Atos dos Apóstolos é Lucas, como já mencionado, que também é responsável pela autoria do Evangelho de Lucas. As evidências dessa autoria estão principalmente relacionadas a declarações internas no próprio livro e às referências de escritores cristãos posteriores. Aqui estão algumas das evidências associadas à autoria de Lucas:

- **Saudação a Teófilo:** Tanto o Evangelho de Lucas quanto o livro de Atos começam com uma saudação a uma pessoa chamada Teófilo. Lucas (Lc. 1,3) declara: “A mim também me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, escrevê-los a ti, excelentíssimo Teófilo.” Essa saudação sugere que Lucas estava escrevendo para alguém específico.
- **Testemunho de Irineu:** Irineu, um dos primeiros pais da Igreja e bispo de Lyon, na França, escreveu em torno de 180 d.C. e citou Lucas como autor do Evangelho que leva seu nome e de Atos. Em sua obra *Contra as Heresias* (*Contra Heresias*), Irineu afirmou: “Lucas, o companheiro de Paulo, afirmou que a palavra é de Deus através do qual todas as coisas foram feitas e que a escrita do Evangelho atribuída a ele é verdadeira.”

Dessa maneira, o Evangelho de Lucas e o livro de Atos, juntos, formam uma obra em dois volumes que tem como tema central a universalidade do Reino de Deus. No início de seu Evangelho, Lucas apresenta a história da vinda do Reino de Deus, desde o ministério de João Batista até sua proclamação em Roma, o coração do Império Romano. Ele faz alusão a essa universalidade quando relata o encontro de Simeão com o recém-nascido Jesus, onde Simeão reconhece a salvação de Deus como uma “luz para revelação aos gentios” (Lc. 2,30-32).

A narrativa de Lucas abrange a propagação dessa luz ao longo de seus dois volumes, culminando na afirmação de Paulo em Atos (At. 28,28) de que a salvação de Deus foi enviada aos gentios e que eles a ouvirão. Essa universalidade do Reino de Deus é um tema recorrente na obra de Lucas.

No que diz respeito ao autor, Lucas era um gentio, sendo o único escritor do Novo Testamento de origem não judaica. Diversos indícios apontam para

suas origens gentílicas, como o fato de ser chamado “o médico amado” e seu uso da versão grega do Velho Testamento. Há também tradições que o associam à Antioquia da Síria, uma grande cidade do Império Romano, embora a veracidade dessa informação não possa ser confirmada.

Lucas dedicou seus dois volumes a Teófilo, cujo nome significa “o que ama Deus”. Esse ato de dedicação era comum na época e servia para atrair leitores, especialmente gentios devotos e tementes a Deus, para a mensagem cristã. Teófilo representa aqueles que buscam sinceramente a verdade sobre Jesus.



Teófilo representa os que buscam a verdade sobre Jesus

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: representação de Jesus de pé no topo de uma colina observando uma paisagem composta por montanhas e luzes de uma cidade.

Em resumo, o autor do livro de Atos, Lucas, é um gentio cuja obra abrange a expansão do Reino de Deus e cuja dedicação a Teófilo reflete seu desejo de compartilhar a mensagem do Evangelho com todos, independentemente de sua origem étnica. Lucas era um indivíduo com formação acadêmica sólida, evidenciada pelo seu status como médico. Existem suposições de que ele tenha recebido seu treinamento médico em Tarso, a cidade natal de Paulo, que era um renomado centro de ensino na época. Esse contexto cultural e educacional reflete-se em sua obra.

O autor demonstra um vasto vocabulário ao longo de suas obras, o Evangelho e os Atos, com aproximadamente 800 palavras que não são encontradas em outras partes do Novo Testamento. Seu grego é de qualidade, apresentando um estilo comparável ao da carta aos Hebreus, conhecida por sua elegância na literatura do Novo Testamento. Além disso, Lucas exhibe notável habilidade literária ao alternar entre diferentes estilos, como o grego clássico em seu prefácio (Lc. 1,1-4) e um estilo influenciado pelo grego do Velho Testamento nas narrativas sobre o nascimento e a infância de Jesus. Essa abordagem literária permite que ele transmita aos leitores gentios um senso de tempo, lugar e, ao mesmo tempo, os fatos e as verdades fundamentais.

Os estudiosos modernos têm dedicado atenção à sua habilidade literária, percebendo como ele compõe uma narrativa fluida e organizada. Lucas humildemente descreve sua obra como “uma exposição em ordem” (Lc. 1,3), e essa ordem é notável na forma como a história se desenrola. Por exemplo, ele enfatiza a importância da morte e ressurreição de Jesus ao longo do Evangelho por meio de referências à jornada de Jesus a Jerusalém (Lc. 9,51): “Ao se completarem os dias em que devia ele ser assunto ao céu, manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém...” Essa abordagem confere um impacto dramático mesmo às descrições aparentemente simples da caminhada de Jesus.

Além de suas habilidades literárias, Lucas é considerado um historiador meticuloso. Ele afirma em seu livro (Lc. 1,3) que sua narrativa é baseada em uma pesquisa cuidadosa de todos os eventos desde o início. Essa preocupação com a precisão é destacada por William Ramsey, um estudioso que, no início do século, defendeu a ideia amplamente aceita na época de que o Evangelho de Lucas havia sido escrito por um autor no segundo século que inventou grande parte do material. No entanto, as pesquisas pioneiras de Ramsey sobre as regiões e cidades visitadas por Paulo em suas primeiras e segundas viagens missionárias, conforme registradas em Atos (At. 13,18), levaram à revisão dessa visão.

Ramsey (2018) elogiou a precisão de Lucas, observando que suas descrições geográficas e administrativas eram notáveis em sua exatidão. Seu livro *O significado da recente descoberta sobre a fidelidade do Novo Testamento*, com a primeira edição publicada em 1915, concluiu que as palavras de Lucas resistem a um exame rigoroso e ao tratamento severo.



Pesquisas validaram os dados geográficos dos escritos de Lucas

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: sobre uma mesa de madeira, um mapa antigo, uma caneta de pena e uma bússola.

A precisão de Lucas em sua abordagem influenciou a percepção de sua obra como um todo. Ela reflete uma mentalidade focada na precisão e na confiabilidade, e essa característica é reconhecida e aceita por muitos estudiosos contemporâneos. Lucas era um indivíduo com uma inclinação para exploração e viagens, o que é evidenciado por seu uso da palavra “investigação” (Lc. 1,3). Isso pressupõe que ele empreendeu viagens e pesquisas para compor seus relatos.

A presença de “nós” nos textos de Atos, nos quais o pronome “eles” é substituído por “nós”, indica que Lucas viajou com o apóstolo Paulo em pelo menos três ocasiões, conforme detalhado nos relatos dos Atos. Essa experiência como viajante é confirmada e enriquecida por sua habilidade em empregar termos técnicos de navegação, como é notável em seu dramático relato do naufrágio narrado em Atos (At. 27).

O notável cuidado e precisão de Lucas na descrição de detalhes como ventos, geografia e construção naval foram destacados por James Smith, um membro da Real Sociedade escocesa, em seu trabalho intitulado *The Voyage and Shipwreck of St. Paul* (A Viagem e o Naufrágio de São Paulo), escrito em 1866. Nesse estudo, Smith, um velejador e historiador,

confirmou a exatidão das referências de Lucas, demonstrando seu profundo conhecimento náutico.

O interesse de Lucas por viagens é um tema recorrente tanto no Evangelho quanto nos Atos. A narrativa começa com a jornada de Jesus a Jerusalém, que é um elemento central. Além disso, essa questão é evidente no relato da viagem de Paulo (ou, mais precisamente, do Evangelho) até Roma. Ambas as narrativas se estendem por vários capítulos e envolvem diversas circunstâncias, incluindo mudanças de rumo. No entanto, em ambos os casos, o objetivo é alcançado, refletindo a vontade de Deus em ação. Essa ênfase nas viagens não apenas enriquece as narrativas, mas também demonstra a importância do movimento e da expansão do cristianismo, impulsionados pelo plano divino.

No livro de Atos, notamos diversas características que destacam a ação de Deus por meio de indivíduos comuns, com um impacto profundo no mundo. Esses cristãos, frequentemente leigos e desprovidos de qualificações formais, desempenharam papéis cruciais no início da expansão do cristianismo.

Lucas, o médico e autor

Lucas, autor de Atos, era um médico e um crente gentio. Seu prefácio em Lucas (Lc. 1,1-4) revela um compromisso com a pesquisa precisa e a narrativa cuidadosa dos eventos relacionados ao cristianismo primitivo. O prefácio serve como introdução tanto ao Evangelho de Lucas quanto ao livro de Atos, fornecendo uma base sólida para a compreensão dos eventos históricos (Lc. 1,1-4).

Os “nós” de Lucas

Em diversas passagens dos “nós” (At. 16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27:1 e 28,16), Lucas se identifica como testemunha ocular e participante direto de certos eventos. Essa mudança de narrativa em terceira pessoa para a primeira pessoa do plural enfatiza sua presença e envolvimento pessoal nas viagens missionárias (At. 16,10-17).

Sua igreja em Antioquia da Síria

A tradição sugere que Lucas estava ligado à igreja de Antioquia da Síria, uma comunidade cristã notável pela sua influência e características inspiradoras. Fundada por Barnabé e Paulo, essa igreja cresceu rapidamente, tinha forte liderança, era dedicada à oração, acolhia todos, contribuía para a causa e tinha um fervoroso desejo de evangelizar. Essas características tiveram um impacto significativo na vida de Lucas, moldando sua perspectiva e fé (At. 11,19-30 e 13,1-4).



Saiba mais

A presença do pronome “nós” nos textos de Atos, como mencionado, tem sido um ponto de interesse para estudiosos bíblicos e tem implicações na autoria do livro. A passagem que marca a transição para o uso do pronome “nós” está presente no livro de Atos (At. 16,10). Antes dessa passagem, o autor utiliza predominantemente a terceira pessoa do singular, e a partir desse ponto, o autor passa a incluir o pronome “nós”, indicando que ele estava pessoalmente envolvido nas experiências que está narrando, como mostra o texto a seguir.

Em Atos (At. 16,10-18), Lucas descreve sua presença ao lado de Paulo em uma viagem memorável à Europa, na qual viajaram juntos de Trôade a Filipos. Nesse relato, Lucas testemunha os eventos relacionados à prisão e subsequente libertação dramática de Paulo. Entretanto, há indícios de que Lucas tenha permanecido em Filipos quando Paulo prosseguiu em sua jornada missionária.

A narrativa prossegue em Atos (At. 20,5 e 21,18), onde parece que Lucas continuou acompanhando Paulo no último trecho de sua terceira viagem missionária, a partir de Filipos. Essa trajetória culmina com a detenção e prisão de Paulo em Jerusalém.

Em Atos (At. 27,1 e 28,16), após dois anos de prisão em Cesareia, Paulo empreende uma longa e desafiadora viagem a Roma. Nesse período, Lucas permanece ao lado de Paulo, como testemunham suas palavras

em Timóteo (2Tm. 4,11): “Somente Lucas está comigo.” Isso sugere que Lucas pode ter acompanhado Paulo durante sua prisão em Cesareia. É possível especular que durante esse tempo, Lucas iniciou a pesquisa que lhe proporcionou o material para a composição de seu Evangelho e os primeiros capítulos de Atos.



A Cúpula da Rocha, em Jerusalém

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: um homem está sentado abaixo de um arco observando a Cúpula de Rocha, em Jerusalém.

O Espírito Santo, por meio das experiências, habilidades e influência de Paulo, preparou Lucas para a importante tarefa de contribuir com uma parcela substancial do Novo Testamento. Lucas era um homem do seu

tempo e do mundo greco-romano, com formação gentílica, experiência profissional na medicina, habilidades literárias e históricas. Suas viagens e sua proximidade com Paulo o tornaram o homem certo para a missão.

Seu compromisso natural com o bem-estar dos necessitados o levou a seguir a carreira médica, e sua ampla experiência lhe permitiu enxergar o Evangelho em um contexto secular. A influência de Paulo deve tê-lo imbuído da mensagem de que a salvação é oferecida gratuitamente a todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica ou privilégios sociais.

Lucas, escolhido e preparado pelo Espírito Santo, desempenhou um papel fundamental em enfatizar a universalidade da mensagem do Evangelho, deixando um legado duradouro na história do Cristianismo.

Síntese do livro de Atos

1. **Introdução:** o livro de Atos é uma obra histórica do Novo Testamento que deve ser interpretada com a finalidade de extrair princípios relevantes para a vida da Igreja nos tempos atuais.
2. **Destinatário:** após escrever o primeiro volume de sua obra, o Evangelho, o autor, Lucas, produz o segundo volume, descrevendo o início do cristianismo. Ele dedica essa obra a Teófilo.
3. **Data e local de origem:** o livro de Atos foi escrito aproximadamente em 61-62 d.C., em Roma.
4. **Propósito:** o propósito de Atos é relatar o início e a expansão da Igreja primitiva, destacando a atuação do Espírito Santo e o papel dos apóstolos na proclamação do Evangelho.
5. **Esboço do livro:** o livro de Atos pode ser dividido com base em dois de seus principais personagens, Pedro (capítulos 1 a 7), Felipe (capítulo 8) Pedro e Paulo (capítulos 9 a 28). Além disso, pode ser estruturado de acordo com o cumprimento da missão dada por Jesus em Atos (At. 1,8), que inclui Jerusalém (capítulos 1-7), Judeia e Samaria (capítulos 8) e os confins da terra (capítulos 9 a 28).
6. **Versículo-chave:** Atos (At. 1,8), que destaca o papel do Espírito Santo na propagação do Evangelho.

7. **Teologia:** o livro de Atos enfatiza a atuação de Deus, a centralidade de Jesus, o plano da salvação, a importância da Igreja como o povo de Deus e o papel das três pessoas da Trindade.
8. **Importância:** O livro de Atos é crucial para entender o derramamento do Espírito Santo em Pentecostes, o martírio de Estevão, a vida da Igreja primitiva em Jerusalém e a expansão do Evangelho para samaritanos e gentios. Além disso, fornece informações essenciais sobre as viagens missionárias de Paulo, auxiliando na compreensão de suas cartas e teologia. É importante ressaltar também que os primeiros versículos de Atos (At. 1,1-3) apontam evidências históricas, médicas e lógicas da ressurreição de Jesus, como o fato de diversas testemunhas, em locais tão diferentes, confirmarem sua aparição e interação com o povo.
9. **Razões e consequências do estudo:** as razões pelas quais Lucas escreveu Atos eram confirmar e continuar o Evangelho de Lucas, evidenciando os ensinamentos de Jesus sendo praticados pelo Espírito Santo, por meio de seus seguidores. Além disso, há o propósito de espalhar o Evangelho não mais apenas a judeus, mas também a gentios.

Com essa abordagem, o livro de Atos se torna um guia inspirador para os cristãos em todas as épocas, fornecendo exemplos de fé, coragem e compromisso com a proclamação do Evangelho, independentemente das circunstâncias. O quadro a seguir apresenta um esquema da formação da Igreja através dos apóstolos usados pelo Espírito Santo.

Os personagens secundários

Os personagens secundários da Bíblia desempenham papéis significativos na narrativa sagrada, muitas vezes contribuindo para o desenvolvimento da história e transmitindo mensagens importantes. Embora não sejam os protagonistas principais, sua presença e ações desempenham um papel importante na contextualização dos eventos e ensinamentos.

Dentre eles, destacam-se:

- **Barnabé:** cristão conhecido por sua misericórdia e incentivo. Ele desempenhou um papel fundamental como discipulador de Paulo,

contribuindo para o desenvolvimento do apóstolo, assim como de João Marcos. Essa relação de mentorado é essencial na formação dos líderes da Igreja primitiva (At. 9,27).

- **Estevão:** destacou-se como um dos diáconos da Igreja. Sua fé inabalável e a plenitude do Espírito Santo em sua vida o levaram a se tornar o primeiro mártir cristão. Seu martírio é um exemplo poderoso de dedicação à fé (At. 6,5 e 7,55-60).
- **Felipe:** cristão que não fazia distinção de pessoas. Ele evangelizou em Samaria e em outras cidades, sendo notável por ter levado o Evangelho a um etíope eunuco, um alto oficial da rainha. Sua história ilustra a universalidade do Evangelho (At. 8,5 e 8,26-40).
- **Tiago (filho de Zebedeu):** um dos doze apóstolos e primo de Jesus. Ele tinha um lugar especial no círculo íntimo de Jesus e foi o primeiro apóstolo a enfrentar o martírio. Sua vida é um testemunho do compromisso com o Evangelho (At. 12,2).
- **João Marcos:** filho de Maria, em cuja casa ocorreu a primeira Ceia e onde a Igreja se reunia. Embora tenha desistido da primeira viagem missionária, sua história demonstra a graça e o perdão presentes na comunidade cristã (At. 12,12 e 13,13).
- **Tiago (meio-irmão de Jesus):** inicialmente cético, Tiago se converteu após a ressurreição de Jesus e tornou-se o líder da igreja de Jerusalém. Sua jornada é um exemplo de transformação pela fé (At. 1,14 e 15,13-21).
- **Timóteo:** jovem cristão com bom testemunho, considerado filho da fé por Paulo. Ele foi selecionado para o discipulado e mais tarde se tornou um líder na Igreja. Sua vida demonstra a importância de mentoria e liderança (At. 16,1-3 e 16,4-5).
- **Silas (ou Silvano):** companheiro de Paulo em suas viagens missionárias e amanuense de Pedro. Ele desempenhou um papel significativo na expansão do Evangelho (At. 15,22, 1Pe. 5,12).
- **Lídia:** gentia de alta sociedade convertida pela pregação de Paulo. A igreja dos filipenses começou em sua casa, mostrando como o Evangelho alcança pessoas de diferentes origens (At. 16,14-15).

Além disso, apresentamos algumas das estratégias missionárias de Paulo, evidenciando sua abordagem evangelística.

- Evangelizou a partir das sinagogas.
- Selecionou as cidades mais importantes.
- Adaptou a mensagem ao povo local.
- Voltou para rever as novas igrejas e edificá-las.
- Retornou à Igreja-mãe.
- Visitava as igrejas encorajando e edificando-as.
- Convidou jovens para o discipulado.
- Preferiu pregar em lugares pioneiros.
- Escreveu cartas para orientar as igrejas.

Essas estratégias moldaram o crescimento do Cristianismo no mundo antigo e influenciam a prática missionária até os dias de hoje. O texto também destaca a importância contínua da missão da Igreja e o desafio de proclamar o Evangelho sem impedimentos. Isso ressalta a relevância eterna do livro de Atos na vida da Igreja.

A plenitude dos tempos: a situação histórica dos Atos

Compreender a expansão da Igreja e a vida dos primeiros cristãos requer a análise das forças que os apoiaram e as forças que se opuseram a eles na sociedade em que viviam. Um elemento-chave nessa equação foi a intervenção sobrenatural conhecida como a “plenitude dos tempos”, um conceito que se reflete em Efésios (Ef. 1,10) e Gálatas (Gl. 4,4).

“A plenitude dos tempos” pode ser dividida em três elementos distintos:

O aspecto político e o período de paz em Roma

Após quase um século de guerra civil no Império Romano, a ascensão de Augusto César em 31 a.C. trouxe estabilidade e paz. Esse período de tranquilidade permitiu a expansão do Evangelho, facilitada pelas extensas estradas romanas que possibilitavam viagens seguras e rápidas. Lucas relatou viagens missionárias que, anteriormente, seriam impensáveis (Lc. 2,1).

O aspecto significativo da cultura grega e a hegemonia de sua língua

Embora o latim fosse a língua oficial, a língua grega era amplamente falada. Isso foi crucial, visto que Paulo e outros apóstolos usaram o grego para se comunicar com as pessoas, assegurando uma compreensão universal do Evangelho. O Novo Testamento foi escrito em grego, permitindo a difusão eficaz da mensagem (1Co. 1,22 e 1Co. 2,2).

O aspecto religioso e a fé judaica

A religião judaica também exerceu influência significativa. Os romanos, embora não compreendessem completamente a fé judaica, respeitavam muitos de seus princípios, incluindo o monoteísmo e o Antigo Testamento, traduzido para o grego, que influenciou a cultura da época (Ro. 3,2; 1Co. 10,11; 1Tm. 4,7).

No entanto, os primeiros cristãos também enfrentaram desafios consideráveis. Para os **judeus**, a mensagem do Evangelho era profundamente escandalosa. Seguir um Messias crucificado era incompreensível, e muitos judeus viam os cristãos como hereges. Além disso, os cristãos não observavam mais o sistema sacrificial e praticavam a circuncisão, pois entendiam que o maior sacrifício já tinha sido feito, que era a morte de Cristo, o próprio Filho de Deus (1Co. 1,23; Gl. 3,13).

Para os **gentios**, o Evangelho era considerado loucura. A crença em um único Deus e a recusa de adorar ídolos eram vistas como uma ameaça ao culto estatal romano, que reverenciava vários deuses. A prática da Ceia do Senhor, que diz respeito a um memorial do sacrifício de Cristo, como a

própria Bíblia diz: “fazei isto (...) em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha.” (Lc. 22,10-20; Mt. 26,28; 1Co. 11,26.), era incompreensível e levou a calúnias sobre canibalismo (1Co. 1,18; 1Co. 10,19-20).

Esses desafios evidenciam que a missão dos primeiros cristãos não foi fácil, mas eles perseveraram em meio à oposição e à incompreensão, levando o Evangelho a diferentes culturas e transformando o mundo de sua época. Suas experiências destacam a importância da fé, da coragem e do comprometimento com a mensagem de Cristo.



Imagem de Jesus Cristo crucificado

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: em uma paisagem desértica, entre montanhas, várias pessoas observam uma grande cruz de madeira na qual está pregado Jesus Cristo.

Nesse sentido, é possível perceber no livro de Atos que Deus escolhe pessoas simples para realizar Seus propósitos. Muitos dos personagens bíblicos que desempenharam papéis significativos na história da fé eram pessoas comuns, escolhidas por Ele para cumprir missões especiais.

Os primeiros evangelizadores, com suas histórias impressionantes, são exemplos notáveis de como Deus usa indivíduos aparentemente comuns para alcançar feitos extraordinários.

- **Leigos sem qualificação:** os primeiros cristãos, muitas vezes, careciam de qualificações formais e eram considerados iletrados e incultos. No entanto, eles demonstraram sabedoria e ousadia, desafiando as expectativas da sociedade (At. 4,13).
- **Cristãos transculturais:** a Igreja primitiva era diversificada, incluindo judeus, gentios, gregos, romanos, samaritanos e africanos. Essa diversidade promoveu uma abordagem que transcendia fronteiras culturais (At. 1,9-11).
- **Cristãos unidos e hospitaleiros:** a comunhão e generosidade eram características marcantes da Igreja primitiva. Eles compartilhavam suas posses e se acolhiam uns aos outros com amor e hospitalidade (At. 2,44-46 e 4,32-35).
- **Mobilidade extraordinária:** muitos cristãos do livro de Atos demonstraram notável mobilidade geográfica, dispostos a viajar e se mudar para espalhar o Evangelho (At. 18,2; Rm. 16,3).

Contexto e relevância para hoje

Embora a sociedade dos primeiros cristãos fosse diferente da nossa em muitos aspectos, algumas semelhanças são notáveis:

- **Contexto urbano:** a concentração de cristãos em grandes centros urbanos se devia ao número de habitantes, ou seja, quantidade de residentes, maiores recursos enviados, mas sem negligenciar as demais áreas.
- **Diversidade religiosa e cultural:** hoje, também vivemos em um mundo diversificado em termos de religiões e culturas. Assim, para alcançar diferentes contextos, a abordagem e a aplicabilidade do Evangelho podem variar para transmitir a verdade e a mensagem de Deus que é única.

- **Rejeição e testemunho transformador:** os primeiros cristãos enfrentaram oposição e rejeição. No entanto, suas vidas transformadas pelo Evangelho eram testemunhas poderosas. Isso ressalta a importância de vidas cristãs autênticas em nosso testemunho hoje.

Em última análise, a experiência dos primeiros cristãos em Atos oferece lições atemporais sobre a capacidade de Deus de usar pessoas comuns para realizar coisas extraordinárias quando estão comprometidas com a causa do Evangelho. Essas lições continuam a inspirar e orientar os cristãos em sua missão no mundo atual.

A promessa do Espírito Santo

No estudo do livro de Atos, é fundamental compreender a presença e o papel do Espírito Santo na história da Redenção. A Trindade divina atua de forma coordenada na teologia da salvação, com Deus, o Pai, elaborando o plano, Deus, o Filho, executando-o, e Deus, o Espírito Santo, aplicando e continuando a obra da salvação (Ef. 1,10; Gl. 4,4).



A pomba, um dos símbolos do Espírito Santo

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: uma pomba branca carregando um ramo de oliveira no bico.

Uma análise mais detalhada dos escritos de Lucas, que incluem tanto o Evangelho como o livro de Atos, revela a coesão do autor ao contar a história completa da obra de Deus. Lucas enfatiza essa continuidade ao mencionar em seu prefácio que seu primeiro livro trata das ações iniciais de Jesus (Lc. 1,1). Isso ressalta duas questões significativas:

- A Igreja tem suas raízes no Evangelho. A mensagem de Jesus inaugurou o movimento cristão.
- A obra de Deus não cessou com a ascensão de Jesus. Como observado, o livro de Atos registra o que Jesus continuou a realizar e ensinar, agora através do Espírito Santo, por meio da Igreja. A ênfase de Lucas recai sobre a continuidade da obra divina. Foi Jesus quem instruiu os discípulos a esperar a promessa da manifestação do Espírito Santo.

O tempo da espera

Antes da chegada do dia de Pentecostes, houve um período de espera que incluiu os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus (At. 1,1-3) e mais dez dias entre a ascensão e o Pentecostes. É importante ressaltar que, durante esses cinquenta dias de espera, os discípulos não permaneceram inertes, mas, sob a orientação de Lucas, se dedicaram a documentar os ensinamentos essenciais de Jesus sobre o reino de Deus.

- O reino de Deus é definido como espiritual em sua natureza, diferente de reinos terrenos, políticos ou geográficos. É uma realidade interior e espiritual que não pode ser localizada geograficamente. Como Jesus enfatizou: “O reino de Deus está dentro de vós” (Lc. 17,20-21).
- O reino de Deus é internacional em sua composição. A Igreja primitiva incluiu membros de diversas origens e nacionalidades, rompendo barreiras culturais e étnicas (At. 2,9-11). O Espírito Santo capacitou os discípulos a testemunharem em Jerusalém, Judeia, Samaria e além, demonstrando a universalidade do reino (At. 1,8). O reino de Deus se expande gradualmente. Embora os discípulos tenham expressado preocupação com o tempo da restauração do reino de Israel, Jesus esclareceu que o conhecimento do tempo era reservado ao Pai. No entanto, eles receberiam poder para testemunhar progressivamente,

começando em Jerusalém e se espalhando cada vez mais amplamente (At. 1,8). Isso evidencia a importância da paciência e da espera pelo tempo de Deus, enquanto a expansão do reino ocorre de forma progressiva ao longo da história.

A realidade da ascensão

Quando estudamos o relato da “ascensão de Jesus” surgem, naturalmente, pelo menos duas questões em nossa mente:

1. A ascensão de Jesus aconteceu de forma literal? Hoje, algumas pessoas, mesmo dentro da Igreja, questionam a literalidade da ascensão. Entretanto, as evidências bíblicas confirmam claramente que a ascensão de Jesus é um evento real da história. Várias razões fundamentam a aceitação desse fato:
 - Os milagres não dependem de precedentes para serem autênticos.
 - A ascensão é um evento corroborado em todo o Novo Testamento.
 - Lucas enfatiza a presença de testemunhas oculares e faz referência repetida àqueles que viram Jesus.
 - Não existe explicação alternativa para o fim das aparições de Jesus após a ressurreição e Seu desaparecimento da Terra.

A ascensão visível e histórica teve um propósito divino e é registrada na Bíblia, uma fonte confiável e inspirada. Ela serviu para cumprir o plano divino e preparar os apóstolos para a chegada do Espírito Santo. Por conseguinte, os discípulos retornaram a Jerusalém e aguardaram o cumprimento dessa promessa.

2. Os apóstolos permaneceram em oração à espera da manifestação do Espírito Santo (At. 1,12-14). O relato de Lucas descreve como os apóstolos passaram os dez dias seguintes, antes do Pentecostes. Eles estavam sempre no templo, louvando a Deus (Lc. 24,53). Além disso, em Atos, Lucas observa que eles perseveraram de forma unânime na oração. Existem duas características notáveis em sua oração:

- Unanimidade na oração, indicando que esse grupo, além dos apóstolos e dos irmãos de Jesus, incluía as mulheres, provavelmente, como Maria Madalena, Joana e Suzana, juntamente com Maria, mãe de Jesus.
- Perseverança na oração, significando que estavam continuamente engajados em buscar a vontade de Deus. Como os discípulos esperavam a chegada do Espírito Santo, eles se dedicaram à Palavra, à comunhão na Ceia do Senhor e à oração. A Igreja contemporânea, embora já tenha recebido o Espírito Santo, aguarda a segunda vinda de Jesus da mesma maneira: ocupando-se com a Palavra, a comunhão e a oração.

Outro apóstolo no lugar de Judas

Depois de relatar a comissão do Senhor, Sua ascensão e a persistente oração dos discípulos, Lucas destaca uma última ação que precedeu o Pentecostes: a escolha de um novo apóstolo para substituir Judas. Vamos examinar os fatos.

Morte de Judas

A morte de Judas é registrada nos Evangelhos de Mateus e Lucas. Ambos relatam que Judas teve um fim trágico, ao ser consumido pelo remorso e tirar a própria vida (Mt. 27,3-5; At. 1,18). A narrativa em Atos é mais detalhada quanto ao enforcamento por suicídio, indicando que ele se precipitou de um lugar elevado e teve suas entranhas derramadas (At. 1,18).

Justificativa

A justificativa para a substituição de Judas estava fundamentada nas Escrituras do Antigo Testamento. Pedro, diante dos cristãos, argumenta que era necessário cumprir a Escritura que o Espírito Santo havia previamente proferido por meio de Davi a respeito de Judas (At. 1,16). Vale lembrar que, de acordo com Lucas, o Senhor ressurreto havia aberto as Escrituras perante Seus discípulos e também lhes concedido entendimento das Escrituras, revelando como o Antigo Testamento profetizou sobre os sofrimentos, a glória, a rejeição e o reino do Messias.

Escolha de Matias

A escolha de Matias como o décimo segundo apóstolo foi baseada no entendimento de Pedro acerca do apostolado, que incluía a necessidade de preencher o perfil estabelecido (At. 2,21-22) e que a escolha de apóstolos deveria ser feita diretamente pelo Senhor (At. 1,4). A seleção de Matias envolveu o lançamento de sortes, um costume judaico da época, embora esse método não deva ser interpretado como normativo para a escolha de ministros na Igreja contemporânea. É preciso destacar que, apesar da escolha ter culminado das sortes, outras providências foram tomadas pelos apóstolos, para a descoberta da vontade de Deus. Por exemplo, primeiramente, eles buscaram nas Escrituras orientação acerca da substituição, buscaram discernir as qualificações para o ministério apostólico e também recorreram à oração, pois eles entendiam que a escolha deveria ser feita por Cristo. Atualmente, a orientação e escolha de líderes ministeriais são guiadas e direcionadas pelo Espírito Santo, sem a necessidade do lançamento de sortes.

Portanto, ao analisar esses eventos, podemos reconhecer que a Igreja primitiva estava comprometida em seguir as Escrituras, orar de forma perseverante e buscar a orientação divina na seleção de líderes. Esses princípios continuam sendo relevantes para a Igreja moderna, demonstrando a importância da integridade nas Escrituras e da dependência contínua no Espírito Santo para orientação e liderança.

A vinda do Espírito Santo no Pentecostes

Após aguardar cinquenta dias, conforme a promessa de Jesus, “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc. 24,49), a Igreja testemunhou a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Esse evento ocorreu cinquenta dias após a Páscoa e encerrou a Festa dos Pães Asmos (Lv. 23,15-44).

De acordo com o relato de Lucas, a vinda do Espírito Santo representou um momento crucial na história da comunidade cristã, marcando um dos eventos mais significativos da história sagrada. No Pentecostes, a Igreja foi selada com o “Espírito Santo da promessa” (Ef. 1,13). A seguir, exploraremos o esquema apresentado por John R.W. Stott em sua obra *A Mensagem de Atos*.

As quatro experiências proporcionadas pelo Pentecostes

1. O Pentecostes marcou o encerramento do ministério salvífico de Cristo antes de Sua segunda vinda. Jesus, em Sua jornada terrena, viveu entre os humanos, morreu pelos pecados, ressuscitou dos mortos, ascendeu ao céu e enviou o Espírito Santo à Sua igreja. Esse dia de Pentecostes, portanto, não pode ser repetido. Dessa maneira, a presença do Espírito Santo está disponível na vida de todo aquele que crê em Cristo como seu salvador.
2. O Pentecostes concedeu aos apóstolos a capacitação necessária para desempenhar seu papel único. Cristo havia designado os apóstolos como suas testemunhas primárias e autorizadas, prometendo o Espírito Santo para ensiná-los e lembrá-los de Seus ensinamentos. O Pentecostes representou o cumprimento dessa promessa.
3. O Pentecostes marcou o início da era do Espírito Santo. Embora a descida do Espírito Santo tenha sido um evento histórico singular, todos os seguidores de Deus podem agora, em qualquer lugar e a qualquer momento, beneficiar-se da presença do Espírito Santo.
4. O Pentecostes foi equiparado a um “reavivamento”, uma visitação incomum de Deus. O Pentecostes inclui fenômenos físicos, como o som de um vento impetuoso, visões de línguas de fogo, convicções de pecado, a conversão de milhares e um senso de temor. Esses eventos foram interpretados como sinais de um “reavivamento”.

O dia de Pentecostes

A narrativa de Lucas começa com uma breve descrição do local e do momento da descida do Espírito Santo. Não fica claro se a “casa” mencionada no versículo 2 é o mesmo cenáculo onde Jesus compartilhou a última ceia com Seus discípulos ou se refere a um dos muitos salões do templo (Lc. 24,53; At. 2,46). No entanto, o tempo do evento é especificado como “ao cumprir-se o dia de Pentecostes” (At. 2,1).

O Pentecostes tinha dois significados: um agrícola e um histórico. No contexto agrícola, era uma festa de colheita, ou seja, uma celebração da época. Já no contexto histórico, representava a Festa das Semanas, ocorrendo cinquenta dias após a Páscoa.

O evento do Pentecostes foi marcado por três fenômenos:

- Um som semelhante a um vento impetuoso.
- A visão de línguas de fogo.
- A manifestação de falar em línguas desconhecidas (At. 2,1-4).

Falar em outras línguas

“E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo concedia que falassem” (At. 2,4).

O dom de falar em outras línguas, conhecido como glossolalia, é uma manifestação registrada no Novo Testamento que indica que uma pessoa recebeu o batismo com o Espírito Santo (At. 2,4; 10,45-47; 19,6). É importante observar que, embora a Bíblia encoraje os cristãos a buscar esse dom, embora ele possa existir ou não, a glossolalia não é um requisito para a salvação, que é dada pela graça de Deus.

Alguns aspectos a serem considerados sobre o dom de falar em outras línguas incluem:

- É uma manifestação sobrenatural, uma expressão vocal inspirada pelo Espírito Santo, na qual a pessoa fala em uma língua que não aprendeu racionalmente.
- As línguas podem ser humanas ou desconhecidas na Terra.
- O falar em línguas está relacionado com o batismo no Espírito Santo, e não é um evento repetitivo.
- Também envolve dons como a interpretação de línguas.
- É uma maneira de edificação pessoal, intercessão e glorificação a Deus.
- Deve ocorrer de maneira ordenada na Igreja, com interpretação quando aplicável.

É importante notar que, embora o dom de línguas seja um tópico significativo, a busca do batismo com o Espírito Santo não deve ser acompanhada por medo de receber influências malignas. A busca desse batismo deve ser feita com confiança na direção e orientação do Espírito Santo (Lc. 11,10-13).

Lições do Pentecostes

O discurso de Pedro, registrado no livro de Atos 2,14-41, é em resposta ao fenômeno extraordinário descrito por Lucas no texto anterior (At. 2,1-13). Nesse evento, os cristãos, cheios do Espírito Santo, proclamam a grandeza de Deus em línguas estranhas, cumprindo assim a profecia de Joel de que Deus derramaria Seu Espírito sobre toda a humanidade (Jl. 2,28-31).

É importante ressaltar que não é mais necessário esperar pelo derramamento do Espírito Santo, uma vez que esse evento já ocorreu. Para recebê-lo hoje, basta crer e ser salvo, como testemunhado em experiências semelhantes, como a dos samaritanos (At. 8,14-17), a casa de Cornélio (At. 10,44-47) e a oração de Paulo por Apolo (At. 19,1-7).

A exposição de Pedro segue a lógica de interpretação de passagens do Antigo Testamento à luz de seu cumprimento, semelhante ao que os Manuscritos do Mar Morto chamam de *pesher*. Vamos analisar como ele elabora seu sermão:

Profecia de Joel

Pedro inicia seu discurso, estabelecendo um paralelo entre o que seus ouvintes presenciaram e a profecia de Joel. Ele explica que o que viram e ouviram é uma realização direta da profecia (At. 2,16).

Nos últimos dias

Pedro substitui a palavra “depois” usada por Joel por “nos últimos dias”, destacando que, com a vinda do Espírito Santo, os últimos dias mencionados por Joel se tornaram realidade (At. 2,17).

Centralidade de Jesus

Pedro aplica a passagem a Jesus, identificando-o como “o Senhor” que traz salvação, substituindo a figura de Javé mencionada por Joel. Isso destaca a centralidade de Jesus na salvação da humanidade, oferecendo libertação do pecado e do julgamento para todos que invocam Seu nome (At. 2,21).

Efeitos do Pentecostes

“Pedro, porém, pondo-se de pé com os onze, ergueu a voz e disse-lhes: ‘Homens da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém, deixem-me explicar-lhes isto; ouçam com atenção. Estes homens não estão embriagados, como vocês supõem. Ainda é manhã! Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: [...] E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.’” (At. 2,14, 15, 21)

O sermão de Pedro é centrado em Cristo e descreve de maneira eloquente os impactos do Pentecostes na vida da Igreja primitiva.

- A Igreja demonstrou um profundo desejo de aprender, mantendo-se firmemente na doutrina dos apóstolos.
- Ela praticava uma comunhão genuína, compartilhando a vida em comunidade.
- A adoração era uma parte essencial da vida da Igreja, expressa no partir do pão e nas orações. A comunhão incluía não apenas o cuidado mútuo, mas também o culto coletivo.

A Igreja estava ativamente envolvida na evangelização, e o Senhor acrescentava diariamente à Igreja aqueles que estavam sendo salvos. Os primeiros cristãos de Jerusalém equilibravam seu compromisso com o estudo, compartilhamento e adoração com uma paixão pelo evangelismo e crescimento da comunidade de fé.



Deus segundo o cristianismo

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: homem com barba e cabelos compridos, segurando um livro e com um olhar sereno. O ambiente é escuro, mas é possível ver uma forte luz brilhando atrás da cabeça do homem, recortando sua silhueta.

A tentativa de parar a igreja com a perseguição

Uma série de eventos são registrados. Um homem coxo de nascença é milagrosamente curado (At. 3,1-10), o que leva a uma oportunidade para Pedro pregar à multidão (At. 3,11-26). O conselho religioso leva os apóstolos a julgamento (At. 4,1-22), e a igreja responde a esses desafios por meio da oração (At. 4,23-31).

O Evangelho nasce como uma resposta ousada, coerente e relevante em tempos de angústia e confusão religiosa no mundo. A Igreja primitiva demonstra amor pelos que sofrem, firmeza diante daqueles que causam sofrimento e honra ao nome soberano de Jesus Cristo. Eles fazem isso por meio de pregação e um estilo de vida que reflete verdadeiramente o “Autor da vida”.

O povo

O relato bíblico nos apresenta pessoas reais, com suas próprias lutas, alegrias, identidade, sonhos e planos. O texto nos revela algumas características distintas dessas pessoas.

Um povo carente (At. 3,1,2)

Assim como o ministério do Senhor Jesus, a Igreja também atende às necessidades das pessoas sofridas em sua sociedade. A Igreja primitiva se depara com mendigos, coxos e pessoas miseráveis, refletindo a realidade do Reino de Deus e o contexto do serviço cristão nos dias atuais.

Um povo culpado (At. 3,14,15)

Muitos daqueles presentes no Templo eram os mesmos que, há pouco tempo, gritavam por crucificar Jesus. A mensagem do Evangelho traz a verdade inescapável de que a humanidade é culpada perante Deus. O Evangelho revela nossa culpa e necessidade de salvação.

Um povo confuso (At. 3,17)

Aquele povo não conhecia Jesus nem as Escrituras e seguia líderes religiosos equivocados. Assim como naquela época, o mundo atual também enfrenta confusão espiritual e há necessidade de guias espirituais fiéis ao Evangelho.

As autoridades

No livro de Atos, encontramos um relato que envolve as autoridades judaicas (At. 4,10). O Sinédrio, composto por 71 líderes, muitos dos quais eram ex-sumos sacerdotes, exercia poderes significativos sob o governo romano. Embora tivessem amplos poderes, a pena de morte não estava em suas mãos.

Os líderes do Sinédrio que antes haviam liderado a multidão a clamar pela crucificação de Jesus agora se viam confrontados pelos discípulos, que publicamente apontavam sua culpa, afirmando que haviam “matado o Autor da vida”.

Os apóstolos apresentaram argumentos e evidências inegáveis que comprometiam as autoridades judaicas. Um homem coxo de nascença havia sido curado em nome de Jesus, aquele a quem Deus ressuscitara: Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande. Ele o ajudou a levantar-se, e imediatamente os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes. Ele saltou pondo-se de pé e andou. Então entrou no templo com eles, andando, saltando e louvando a Deus” (At. 3,6-8). Isso desafiava diretamente a crença dos líderes, uma vez que os fariseus acreditavam na ressurreição, enquanto os saduceus a negavam veementemente.

A reação das autoridades era de ressentimento e perturbação, pois se viam confrontadas com a ressurreição e a pregação dos discípulos. Isso evidenciava a busca por sinais e milagres, algo comum na história religiosa, mas enfatizava a importância das marcas do caráter de Cristo na vida da Igreja.

A atitude ousada e sóbria dos discípulos, juntamente com os sinais evidentes de que eles haviam estado com Jesus, suscitou admiração. Os milagres são importantes, mas as marcas do caráter de Cristo na vida da Igreja têm um impacto duradouro e inegável.

Diante da pregação dos apóstolos, as autoridades judaicas recorreram à ameaça como forma de conter o avanço do Cristianismo. O diabo, inimigo espiritual, e seus agentes humanos frequentemente recorrem à violência e a ameaças para combater o Evangelho, algo que já era previsto por Jesus.

A história da Igreja está repleta de situações em que ameaças foram usadas, desde os primeiros tempos da Igreja até o presente. A perseguição aos cristãos é uma realidade em muitas partes do mundo, e a Bíblia também aponta que o futuro reservará ameaças ainda maiores. A Igreja precisa permanecer firme em sua fé e testemunho, confiando no poder de Deus para superar as ameaças e perseguições.

Os apóstolos

Vamos explorar o terceiro grupo abordado neste estudo: os apóstolos e outros membros da Igreja nascente. Eles se destacaram em circunstâncias adversas por diversas razões.

Havia poder

O poder que permeia a atuação da Igreja primitiva é notável. Esse poder pode ser resumido em termos de dedicação, coragem e sabedoria e era, em essência, uma manifestação do Espírito Santo, conforme prometido por Jesus (At. 1,8). Além disso, esse poder operava “em nome de Jesus” (At. 4,10), o qual é apresentado com diversos títulos, incluindo “o Nazareno”, “o Servo de Deus”, “o Santo e Justo”, “o Autor da vida” e “o Profeta”. O poder residia na disposição dos servos de Deus em serem usados pelo Senhor. É como Thomas Walker, pastor, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, descreveu em uma de suas pregações: “O poder era de Cristo, mas a mão era de Pedro.” A fonte desse poder era a oração da Igreja, que buscava força e consolo em meio à perseguição, ancorando-se na soberania divina (At. 4,23-31).

Havia mensagem

A essência de uma Igreja Cristã Evangélica reside em sua mensagem. No caso da Igreja primitiva, essa mensagem incluía conteúdo bíblico, confronto com o pecado e esperança escatológica. A pregação de Pedro, tanto em seu primeiro como em seu segundo sermão, era centrada em Cristo e incluía um chamado ao arrependimento, que resultaria do perdão dos pecados, da presença do Espírito Santo em sua vida e da vida eterna.

Havia fruto

O foco do Evangelho é a mensagem da salvação em Cristo. Assim, bênçãos, curas e outras manifestações miraculosas na Igreja primitiva tinham o propósito de reforçar a mensagem de Cristo e o seu poder, mas isso não era regra. A generosidade e a comunhão eram marcas da Igreja primitiva, e precisam ser de toda Igreja, ou seja, um reflexo do cuidado integral de Deus com o ser humano.

A Igreja primitiva se destacava não apenas pelo poder, mas também pela mensagem e pelos frutos do ministério, evidenciando sua natureza como povo de Deus.



Jesus guiando outros cristãos

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: um homem de barba e cabelos longos mostra o caminho para um grupo de pessoas. O sol está se pondo e, atrás das pessoas, um morro com uma grande cruz de madeira no cume.

A Oração, a Obediência e o Espírito Santo

O texto bíblico descreve uma série de situações tanto favoráveis quanto desfavoráveis para a igreja nascente, evidenciando a maneira como enfrentou esses desafios. A Igreja primitiva enfrentou diversas dificuldades internas que precisam ser consideradas. Um desses desafios estava relacionado ao cuidado dos membros necessitados da comunidade. As atividades fundamentais da Igreja incluíam oração, pregação e também o cuidado com órfãos e viúvas em suas necessidades, refletindo o chamado do Evangelho de atender aos cansados, doentes e famintos.

A mensagem de Cristo transformou o coração e os valores das pessoas e a comunhão. Assim, o partir do pão e o importar-se com o próximo são consequências da transformação do Evangelho na vida do cristão.

1. Os cristãos desenvolveram comunhão e graça extraordinárias entre os membros (At. 4,32-35).
2. Os cristãos demonstraram grande abnegação, como exemplificado por Barnabé, que vendeu uma propriedade para ajudar os necessitados (At. 4,36-37).
3. A Igreja ministrou eficazmente aos que sofriam, tornando-se um refúgio para aqueles que buscavam alívio em meio às suas dores e desesperanças (At. 5,12-16).

No entanto, a Igreja também teve que lidar com membros que pecavam, como ilustrado no relato de Ananias e Safira (At. 5,1-11). Isso destacou que, mesmo entre os cristãos, as tentações para o pecado continuavam a existir. O texto bíblico enfatiza que os pecados são uma ofensa direta a Deus e que o juízo começa pela casa de Dele.

Enfrentando os constantes ataques do Inimigo e a importância da obediência

A Bíblia nos ensina que os sofrimentos enfrentados pelos cristãos podem ocorrer de várias maneiras devido aos ataques do Inimigo, incluindo violência,

mentiras, ameaças e maquinações malignas. No entanto, essas situações oferecem oportunidades para revelar o caráter genuíno dos cristãos e para que eles testemunhem de forma perseverante diante do mundo.

Enfrentar os constantes ataques do Inimigo é uma tarefa desafiadora, mas os cristãos são chamados a enfrentar essas adversidades com fé, coragem e, acima de tudo, obediência aos princípios cristãos. A obediência é um elemento fundamental para a conversão, o que corrobora toda a mensagem do Evangelho e aquilo que a Igreja primitiva vivia e deixou para nós como legado.

A obediência implica uma conexão íntima com Deus por meio da oração e do estudo das Escrituras, capacitando os cristãos a reconhecer e resistir aos ataques do Inimigo. Jesus Cristo serve como exemplo supremo de obediência, enfrentando as tentações no deserto ao se ancorar na Palavra de Deus.

Além disso, a obediência cristã envolve a prática constante dos ensinamentos de Jesus, como amor, perdão e humildade. Ao viver esses princípios, os cristãos não apenas resistem aos ataques do Inimigo, mas também testemunham a presença transformadora de Cristo em suas vidas, impactando positivamente o mundo ao seu redor. Sendo assim, para enfrentar as adversidades, é preciso:

1. Estar preparado para o sofrimento, pois, cedo ou tarde, o Inimigo agirá para desencadear adversidades (1Pe. 5,8-9).
2. Compreender que o sofrimento é uma oportunidade para demonstrar o amor pelo Senhor e a profundidade da fé em Jesus (Mt. 5,11-12).
3. Entender que sofrer como cristão é um privilégio e um testemunho poderoso perante o mundo (1Pe. 4,16).
4. Reconhecer que a extensão do Reino de Deus tem sido construída através do sacrifício de mártires que testemunharam sua fé, derramando seu sangue (Hb. 10,19-39).

A Igreja primitiva enfrentou desafios internos e ataques externos, mas sua resposta exemplar é uma fonte de inspiração para os cristãos de todas as épocas (At. 5,17-41).

Lidando com os desafios do crescimento da Igreja

A alegria da Igreja em seu crescimento era evidente! Um grupo pequeno havia se transformado em uma “multidão dos que creram” (At. 4,32). À medida que o Senhor continuava a acrescentar, ou seja, “os que iam sendo salvos” (At. 2,47), a Igreja enfrentava desafios decorrentes desse rápido crescimento.

Hoje, as igrejas continuam a lidar com desafios cotidianos à medida que crescem. Eles vão desde a construção de edifícios para abrigar as atividades da Igreja, as questões administrativas e organizacionais até a disciplina e a coordenação dos diversos ministérios, garantindo que o corpo de cristãos cresça em unidade e maturidade (Ef. 4,16). Nesse contexto desafiador, os discípulos nos apresentam um exemplo inspirador de liderança na Igreja.

Sensibilidade às necessidades emergentes (At. 6,1)

Reconhecer que havia problemas a serem enfrentados era o primeiro passo para resolvê-los. Admitir que nem sempre estaríamos preparados para lidar com todos os desafios demonstrava a dignidade e a sensibilidade dos líderes em reconhecer suas limitações e buscar soluções.

Envolvimento e valorização da comunidade na tomada de decisões (At. 6,2 e 5)

Líderes sábios compreendiam que o Deus a quem serviam era também o Deus de toda a comunidade de cristãos. Buscar conselho e envolver outros na tomada de decisões era uma prática que garantia sabedoria e segurança, como a sabedoria bíblica: “Na multidão de conselheiros, há segurança” (Pv. 11,14).

Estabelecimento de princípios claros de compromisso com Deus (At. 6,3)

Estabelecer princípios claros era essencial para manter a integridade da Igreja. Com padrões bem definidos, a Igreja evitaria a confusão e a falta de direção que podem surgir quando cada um faz o que lhe parece certo. Principalmente na seleção de líderes, esses padrões eram vitais como referência para todos os cristãos.

Estabelecimento de prioridades pessoais (At. 6,4)

Com tantas demandas e tarefas, é fundamental estabelecer prioridades claras. Os líderes da Igreja entenderam que a oração e o ministério da Palavra eram suas prioridades, uma decisão sábia que serve de exemplo para todos nós.

Mantendo um ambiente de oração e autoridade espiritual (At. 6,6)

A ordenação de sete diáconos para cuidar das viúvas permitiu à Igreja manter um ambiente de oração e autoridade espiritual. Esses valores eram fundamentais para o Reino de Deus e contribuíram para o crescimento da Igreja.

Estêvão, o primeiro mártir da Igreja

À medida que a Igreja primitiva crescia, começaram a surgir desafios, incluindo a preocupação com a distribuição justa entre as viúvas helenistas e hebreias. Isso levou à eleição dos sete diáconos, sendo Estêvão um deles, um homem que refletia a imagem de Cristo (At. 6,1-7).

O caráter e o serviço de Estêvão

A história da Igreja é repleta de indivíduos cujo caráter os assemelha a Cristo. Estêvão, mesmo antes de sua eleição como diácono, já possuía qualidades essenciais para servir ao Senhor e à Sua Igreja. Era conhecido

por sua boa reputação, um pré-requisito vital para lidar com questões financeiras e administrativas na Igreja (At. 6,3).

Além disso, ele estava cheio do Espírito de sabedoria, evidenciando a importância de uma liderança não apenas administrativa, mas também espiritual. Estêvão era uma testemunha viva da graça e poder de Deus, destacando que a graça e o poder se complementam. A sua dinâmica liderança na Igreja foi uma expressão equilibrada de graça e poder, conforme reforça C. Morgan:

“Graça e poder formam uma unidade singular, pois graça sem poder de nada adianta, e poder sem graça é terrível.”

A acusação contra Estêvão

Estêvão, em seu zelo pelo Evangelho, defendia as Escrituras e anunciava a mensagem de Cristo nas sinagogas. No entanto, seus opositores, incapazes de refutar sua sabedoria e influência espiritual, optaram pela violência. Testemunhas falsas foram levantadas contra ele, acusando-o de blasfemar contra Moisés, Deus, o templo e a lei: “Então subornaram alguns homens para que dissessem: ‘Ouvimos Estêvão falar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus’. Assim, eles agitaram o povo, os líderes religiosos e os mestres da lei” (At. 6,11-13).

As acusações eram sérias, uma vez que o templo e a lei eram fundamentais para a identidade judaica. Mas Estêvão estava comunicando a transformação trazida por Jesus, que cumpriu a lei e revelou uma nova dimensão de comunhão com Deus. O templo e a lei agora encontravam seu cumprimento em Cristo.

A defesa de Estêvão

A defesa de Estêvão começou de maneira notável, com seu rosto refletindo uma glória divina: “Olhando para ele, todos os que estavam sentados no Sinédrio viram que o seu rosto parecia o rosto de um anjo” (At. 6,15). Ele fez uma exposição detalhada da história de Israel, enfocando como Deus se revelou a Abraão, José e Moisés:

“Então o sumo sacerdote perguntou a Estêvão: ‘Essas acusações são verdadeiras?’ Estêvão respondeu: ‘Irmãos e pais, ouçam-me! O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão enquanto ele ainda estava em Mesopotâmia, antes de viver em Harã.’ (At. 7,1-2)

Estêvão destacou que Deus não habita em templos feitos por mãos humanas, apontando para a presença de Deus na vida de Seu povo e a transitoriedade do tabernáculo e do templo. Além disso, ele indicou que seus acusadores eram os verdadeiros violadores da lei ao rejeitar Moisés e os profetas que testemunharam a vinda do Justo.

A defesa de Estêvão não era uma negação da importância do templo ou da lei, mas uma declaração da supremacia de Cristo e da nova aliança que Ele trouxe. Isso provocou a ira de seus ouvintes, culminando em sua morte como o primeiro mártir da Igreja. No entanto, essa tragédia serviu para catalisar a expansão geográfica da Igreja e seu testemunho além das fronteiras do judaísmo.

A morte de Estêvão

O discurso de Estêvão provocou uma hostilidade sem precedentes entre seus ouvintes. Enquanto o Sinédrio, enfurecido, rangia os dentes, Estêvão, cheio do Espírito Santo, teve uma visão gloriosa de Deus e de Jesus à direita do Pai. Essa visão enfureceu ainda mais seus oponentes, levando-os a agir com violência, apedrejando Estêvão, lançando-o fora da cidade:

“Aproximaram-se, agarraram Estêvão e o levaram ao Sinédrio. Apresentaram falsas testemunhas, que disseram: ‘Este homem não cessa de falar contra este santo lugar e contra a lei. Pois o ouvimos dizer que esse Jesus de Nazaré destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos transmitiu.’ (At. 6, 11-14).

Estêvão sem medo em seu testemunho

O testemunho de Estêvão não refletia preocupação com sua própria segurança. Ele não temia as consequências de suas palavras, mesmo que fossem fatais. Não se tratava de um ataque vulgar, mas sim de uma acusação profundamente enraizada. Ele acusou seus ouvintes de resistirem ao Espírito Santo, de serem traidores, assassinos e desobedientes da lei:

“Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual agora vos tornastes traidores e homicidas, vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos e, entretanto, não a guardastes” (At. 7,51-53).

O poder de convicção de Estêvão

Segundo John Stott (1994), “A morte de Estêvão estava cheia de Cristo”. Mesmo diante da morte, a glória de Deus resplandeceu nele: “Enquanto apedrejavam Estêvão, ele clamava: ‘Senhor Jesus, recebe o meu espírito.’” (At. 7,59). Suas palavras impressionaram um jovem chamado Saulo/Paulo. A morte de Estêvão desencadeou uma grande perseguição contra a Igreja em Jerusalém, e os cristãos foram dispersos por toda a Judeia e Samaria. No entanto, eles continuaram a pregar o Evangelho com convicção, seguindo o exemplo de Estêvão.

É importante ressaltar que “Saulo” é um nome derivado do famoso primeiro rei de Israel, da tribo de Benjamim, à qual Saulo/Paulo pertencia (Fp. 3,5). “Paulo” é um nome comum no koiné, um nome grego, derivado do sobrenome latino Paulus.

A oração de Estêvão pelos perseguidores

Em um gesto que ecoa a oração de Jesus na cruz, Estêvão orou por seus agressores: “Senhor, não lhes imputes este pecado!” (At. 7,60). Mesmo enfrentando a morte de maneira violenta e injusta, Estêvão não pediu vingança, mas demonstrou graça e perdão. Sua morte, apesar de brutal, foi marcada por uma profunda paz, uma descrição inesperadamente bela para um martírio tão trágico, que não foi em vão. Ela catalisou a expansão do Evangelho, inspirou Paulo a se tornar um seguidor de Jesus e deixou um legado de coragem, convicção e perdão que continua a inspirar os cristãos até os dias de hoje.



Jesus pregando aos cristãos

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: homem de barba e cabelos longos fala com grupo de pessoas. No fundo, um terreno montanhoso e uma grande cruz de madeira.

A ousadia de Filipe

O capítulo 7 do livro de Atos narra o longo discurso proferido por Estêvão, que culminou com uma condenação contra o Sinédrio e todos os presentes (At. 7,51-53). No entanto, ao invés de se arrependerem, aqueles presentes ficaram enfurecidos e mataram Estêvão, tornando-o o primeiro mártir da Igreja Cristã. Isso desencadeou uma perseguição contra a Igreja em Jerusalém, levando à dispersão de seus membros por várias regiões, exceto os apóstolos (At. 8,1).

Apesar da aparente tragédia que atingiu a Igreja, essa perseguição acabou contribuindo para a expansão da pregação do Evangelho. Entre os que foram dispersos, Filipe se destacou como um dos principais personagens nesse processo. Vamos explorar como isso aconteceu.

Filipe evangeliza a cidade

Contexto histórico

Filipe se dirigiu a Samaria para levar a mensagem do Evangelho, mesmo sabendo que havia uma hostilidade histórica entre os judeus e os samaritanos. Essa hostilidade remontava aos eventos após o fim da monarquia, em que as dez tribos se separaram do reino de Judá e fundaram seu próprio reino em Samaria. A Assíria posteriormente conquistou Samaria e trouxe pessoas de diferentes nacionalidades para povoar a região, resultando em um sincretismo religioso. Os samaritanos tinham um templo rival no monte Gerizim e aceitavam apenas o Pentateuco como as Escrituras legítimas. Portanto, a missão de Filipe em Samaria era um desafio considerável devido a essa história de animosidades (1Rs. 12,1-20; 2Rs. 17,24-41).

A coragem e o sucesso de Filipe

Apesar desse contexto desafiador, Filipe ousadamente proclamou o Evangelho em Samaria. O povo samaritano, que também esperava o Messias, respondeu positivamente à mensagem de Filipe. Multidões ouviram e acreditaram, testemunhando curas e libertações. O poder de Deus se manifestou na pregação de Filipe, e a graça divina alcançou uma região antes discriminada e necessitada (At. 8,4-7).

Filipe e o confronto com Simão, o mago

Antes da chegada de Filipe, Samaria estava sob a influência de um mágico chamado Simão, que enganava o povo com suas artes mágicas. As pessoas acreditavam que ele possuía “o Grande Poder”. No entanto, Filipe confrontou essa influência ao proclamar o verdadeiro poder de Deus por meio de Jesus Cristo. A mensagem do Evangelho foi mais poderosa do que as ilusões de Simão, levando à conversão de muitos, incluindo o próprio Simão. Assim, a influência maligna foi substituída pelo poder transformador de Cristo (At. 8,9-13).

Filipe evangeliza o etíope

Após seu trabalho bem-sucedido em Samaria, Filipe recebeu uma ordem divina para seguir por um caminho deserto. Nesse caminho, ele encontrou um alto oficial etíope que servia à rainha Candace, uma figura importante na Etiópia. O oficial estava lendo as Escrituras e buscando compreender seu significado, apesar das dificuldades de leitura em sua carruagem. O Espírito Santo guiou Filipe a se aproximar do oficial (At. 8,26-29).

Filipe compartilha o Evangelho com o etíope

O oficial etíope estava lendo o profeta Isaías e revelou a Filipe que não compreendia aquilo que estava lendo nas Escrituras. Assim, Filipe explicou a mensagem do Evangelho, destacando que o texto se referia ao sacrifício de Jesus como o Cordeiro de Deus. O oficial etíope demonstrou um desejo sincero de ser batizado, e Filipe o batizou. O batismo simbolizou sua união com Cristo e seu compromisso com a fé cristã (At. 8,30-39).

Filipe é levado pelo Espírito Santo

Após o batismo, algo extraordinário aconteceu. O Espírito do Senhor arrebatou Filipe, e ele se encontrou em Azoto. No entanto, o oficial etíope seguiu seu caminho, cheio de alegria. Filipe continuou sua jornada, evangelizando outras cidades até estabelecer-se em Cesareia (At. 8,39-40). A ousadia de Filipe e a orientação do Espírito Santo tornaram possível a propagação do Evangelho em Samaria e a conversão do oficial etíope, ilustrando a importância de obedecer à direção divina na pregação do Evangelho e superar as barreiras históricas e culturais. Esses relatos bíblicos demonstram como a mensagem de Cristo pode transformar vidas em diferentes contextos e desafios.

Saulo/Paulo encontra com Jesus na estrada

Saulo/Paulo é uma figura importante e relevante para o cristianismo. Paulo, também conhecido como Saulo em sua comunidade judaica, impactou a teologia e filosofia cristãs, pois foi o autor de treze cartas presentes no Novo Testamento. Paulo é considerado o primeiro teólogo da Igreja e, para muitos, é visto como o segundo fundador. Nascido em Tarso, uma cidade crucial na Cilícia, Paulo conquistou o título de cidadão romano, uma posição de prestígio que herdou de seu pai ou de um parente que serviu ao Império Romano, recebendo a cidadania como recompensa.

O início da educação de Paulo ocorreu em seu lar, com seu pai atuando como tutor. Paulo, em Filipenses (Fp. 3,5), fornece informações sobre suas credenciais que demonstram sua ligação com a tradição judaica, incluindo sua circuncisão no oitavo dia, sua ascendência na tribo de Benjamim e seu status como hebreu nascido de hebreus. Aos seis anos de idade, aproximadamente, Paulo frequentou a escola da sinagoga para estudar a Torá e o hebraico. Além disso, de acordo com Atos (At. 22,3), ele recebeu educação em Jerusalém aos pés de Gamaliel, um rabino moderado (At. 5,34-39). É importante ressaltar que, embora Paulo não o mencione em suas cartas, seu estilo de pensamento reflete o método rabínico.

Alguns acadêmicos acreditam que Paulo pode ter sido membro do Sinédrio, embora isso não seja explicitamente afirmado nas Escrituras. Como fariseu, ele foi um perseguidor fanático da Igreja antes de sua conversão.

Paulo: o perseguidor dos cristãos

O livro de Atos 8 descreve o período após a morte de Estêvão, na qual Paulo de Tarso desempenhou um papel central. Alguns estudiosos argumentam que a expressão “Saulo consentia em sua morte” indica que ele votou a favor da execução de Estêvão no Sinédrio. O versículo 3 deste capítulo (At. 8,3) revela a ferocidade de Saulo como perseguidor, descrevendo como ele “assolava a Igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.” O verbo “assolava” implica destruição e não tem paralelos no Novo Testamento. Isso mostra o quão agressivo ele era em sua perseguição, com ódio em relação aos cristãos. Em Atos (At. 26,11), Paulo até mesmo descreve a si mesmo como “demasiadamente enfurecido”.

O capítulo 9 de Atos nos apresenta Paulo ainda perseguindo os discípulos, respirando ameaças e morte contra eles. Ele buscava autorização do sumo sacerdote para perseguir os cristãos em Damasco, uma região fora de Jerusalém e sob o domínio dos nabateus. Isso evidencia o alcance de sua perseguição além dos limites de Jerusalém.



Conversão na estrada

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: uma estrada segue em linha reta até o horizonte, cortando uma planície coberta de grama. Um pôr do sol avermelhado com algumas nuvens no céu. No final da estrada, ao lado de uma pequena casa, uma grande cruz.

Paulo e Jesus: a conversão na estrada

A transformação de Paulo ocorreu enquanto ele estava a caminho de praticar mais atos de perseguição. A poucos quilômetros de Damasco, ele teve um encontro singular e definitivo com Jesus. Esse encontro foi fundamental para sua autoridade apostólica posterior. A pergunta feita a Paulo “Por que me persegues?” (At. 9,4) revelou a importância que Jesus atribuía à Sua Igreja. Jesus não questionou por que Paulo perseguia a Igreja, mas sim o motivo pelo qual ele o perseguia.

Paulo, inicialmente, não sabia quem estava falando com ele, mas ouviu Jesus dizer: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At. 9,5). Em seguida, ele foi instruído sobre o que fazer, embora aqueles que o acompanhavam tenham ouvido a voz, mas não compreendido as palavras. Assim, Paulo levantou-se do chão, cego, e foi conduzido por outros até Damasco, onde aguardaria mais instruções.

A experiência de Paulo foi profunda e pessoal, marcando a transição de perseguidor a apóstolo e de opositor fervoroso a discípulo apaixonado de Jesus. Essa experiência mostrou o quanto a graça de Deus foi evidente em sua vida. Paulo reconheceu essa graça em seus textos, enfatizando sua dependência daquele que o salvou e o chamou para o ministério. Sua conversão é um testemunho da transformação que a graça de Deus pode operar na vida de qualquer indivíduo.

Paulo e Ananias: a recepção na Igreja

A recepção de Paulo na Igreja foi um momento singular em sua jornada. Após sua conversão na estrada de Damasco, Paulo jejuou, orou e aguardou por três dias, demonstrando uma transformação notável em sua vida. Como fariseu, Paulo já possuía o hábito de orar e jejuar, porém essa experiência demonstrou uma mudança profunda em seu relacionamento com Deus, como destaca John Stott (1994, p. 188-198): “o rugido do leão foi transformado em balido de cordeiro.”

Nesse período de espera, Paulo refletiu e orou, preparando-se para o que viria a seguir. Esse tempo de espera demonstra sua disposição em

agir somente com a orientação do Senhor. O diálogo entre o Senhor e Ananias é notável. Ananias, um membro experiente da Igreja, inicialmente demonstrou medo e relutância em orar por Paulo, considerando-o uma ameaça. No entanto, o Senhor revelou a Ananias que Paulo se tornaria um apóstolo para os gentios e para os reis, uma profecia que se cumpriria ao longo da vida de Paulo. Isso é documentado em diversas passagens, como em Romanos (Rm. 11,13), Gálatas (Gl. 2,2 e 7-8), Efésios (Ef. 3,8), Atos (At. 24,24), entre outras.

Após receber essa revelação, Ananias demonstrou coragem e obedeceu à ordem do Senhor, indo ao encontro do novo convertido. A coragem de Ananias e a obediência de Paulo levaram a um momento crucial em sua vida. Ananias orou por Paulo, que recuperou a visão, foi batizado e se alimentou. Nesse encontro, Ananias chamou Paulo de “Irmão Saulo”, marcando o reconhecimento da transformação profunda que ocorreu em sua vida:

“Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu na estrada por onde você vinha, enviou-me para que você recupere a vista e seja cheio do Espírito Santo. Imediatamente algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado; e, depois de comer alguma coisa, recuperou as forças. Saulo ficou vários dias com os discípulos em Damasco” (At. 9,17-19).

A relação de Paulo com a Igreja passou por uma reviravolta significativa. Antes de sua conversão, ele perseguia a Igreja e era responsável por prender cristãos. Após o encontro com Jesus e a recepção calorosa de Ananias, ele se tornou um fervoroso pregador do Evangelho. Sua mensagem causou espanto e confusão entre os judeus, resultando em perseguições.

O que ele antes odiava, agora amava profundamente. Paulo também mudou seu relacionamento com os judeus, passando de um perseguidor a um defensor apaixonado de Jesus como o Cristo. Ele frequentou sinagogas para persuadir seus compatriotas da verdade que havia encontrado a caminho de Damasco. Sua mudança foi evidente e inspiradora para todos que o cercavam, o que evidencia que o auge de seu testemunho era justamente mostrar que não há “homem ruim”, que o Senhor não possa transformar e salvar.

Paulo e Barnabé: a apresentação aos apóstolos em Jerusalém

A recepção de Paulo em Jerusalém apresentou desafios semelhantes aos enfrentados por Ananias em Damasco. Após sua conversão, Paulo passou três anos na Arábia antes de retornar a Jerusalém. Esse período de isolamento foi importante para seu crescimento espiritual e preparação para o ministério.

A chegada de Paulo à Igreja em Jerusalém foi marcada por desconfiança e hesitação. Os irmãos da Igreja tinham receio quanto à sinceridade de sua conversão e ao seu passado como perseguidor dos cristãos. No entanto, Barnabé, um membro respeitado da Igreja, desempenhou um papel crucial como mediador. Ele acreditou na genuinidade da conversão de Paulo e o apresentou aos apóstolos e aos demais membros da comunidade cristã. A aceitação de Paulo na Igreja em Jerusalém foi fundamental para seu ministério posterior.

Assim como em Damasco, Paulo não se conteve em sua missão de pregar o Evangelho. Ele testemunhou nas ruas de Jerusalém, o que causou perseguição e ameaças de morte. Diante dessa hostilidade, os apóstolos decidiram enviá-lo para Tarso, sua cidade natal, protegendo-o de seus perseguidores (At. 9,26-30). Paulo, mais uma vez, passou por uma experiência de rejeição e escape, que se tornaria uma narrativa comum em seu ministério posterior. A mudança profunda que ocorreu em Paulo desde sua conversão em Damasco o tornou um dos apóstolos mais fervorosos e dedicados da Igreja primitiva, com um zelo incansável para espalhar o Evangelho.



Paulo e Barnabé em Jerusalém

Fonte: imagem gerada em IA.

#paratodosverem: dois homens vestindo túnicas – um de barba e cabelos longos e brancos, outro de barba e cabelos longos e pretos – conversam nas ruas de Jerusalém, cercados por uma multidão que os observa.

Pedro e sua grande visão missionária

O décimo capítulo do livro de Atos nos leva a uma fase importante da história cristã, com o foco no ministério de Pedro. Neste capítulo, dois eventos fundamentais se destacam: os milagres realizados por Pedro e a conversão de Cornélio, um gentio. É interessante notar que Lucas apresenta duas histórias de conversão consecutivas, ressaltando a universalidade da mensagem cristã.

É importante considerar a transformação de Pedro, que, antes de se tornar um dos principais líderes da igreja, era um simples pescador. Ele era um dos proprietários de uma empresa de pesca na Galileia, uma atividade de destaque na região. No entanto, Pedro passou por uma marcante experiência de conversão e transformação. Sua personalidade oscilante e impulsiva mudou ao longo de sua jornada, como evidenciado em sua primeira carta, especialmente no capítulo 5, onde se apresenta como um líder calmo e referência para outros pastores.

Apesar de sua transformação, Pedro inicialmente limitava seu foco aos judeus e ao povo de Israel. No entanto, Deus usou a conversão de Cornélio, um gentio, para expandir o horizonte missionário de Pedro.

Pedro fez milagres

O ministério de Pedro era itinerante, envolvendo viagens para evangelizar e fortalecer os irmãos na fé. Em Lida, uma cidade da Judeia, Pedro se deparou com dois notáveis milagres. Ele visitou os irmãos locais, incluindo Enéas, um paraplégico há oito anos, e Dorcas, uma discípula ativa que costurava roupas para os pobres e que havia falecido.

Os milagres realizados por Pedro nesse contexto são notáveis por várias razões. Primeiramente, ele imitou a maneira de agir de Jesus ao realizar esses milagres, transmitindo autoridade divina e continuidade com o ministério de Cristo. Isso é evidenciado nas semelhanças entre as palavras de Pedro e as de Jesus em momentos de milagres semelhantes. Além disso, Pedro realizou esses milagres pelo poder de Jesus, reconhecendo que sua capacidade vinha do Senhor e buscando Sua intervenção por meio da oração.

Os milagres de Pedro, presentes no livro de Atos (At. 5,1-11; 12-16; 9,36-42; 10,9-16; 10,17-48 e 12,6-11) resultaram na glória de Deus, levando muitas pessoas a reconhecer a Deus e a glorificá-Lo. Esses eventos demonstram a autenticidade de seu ministério e a continuidade do poder divino na Igreja primitiva.



Pedro, o pescador de homens

Fonte: imagem gerada em IA.

#paratodosverem: em um pequeno barco que navega por um rio com várias outras embarcações similares, um homem está de pé observando o caminho. Ele tem barba e cabelos longos, veste uma túnica marrom e segura um grande cajado. O caminho do rio vai em direção a montanhas. No céu, tomado por nuvens escuras, vários pássaros parecem acompanhar as embarcações.

Pedro foi chamado por Cornélio, o centurião

Nesse período de intensa atividade ministerial de Pedro, ele fez uma parada em Jope, na casa de um curtidor chamado Simão. Este encontro é notável, já que, como judeu, Pedro não teria costume de permanecer em um ambiente onde lidavam com animais mortos, devido às prescrições religiosas judaicas.

Paralelamente, o capítulo nos apresenta Cornélio, um centurião romano. Cornélio era conhecido por sua devoção a Deus, embora não fosse um prosélito do judaísmo. Ele era um homem piedoso que adotara algumas práticas judaicas, como o monoteísmo, mas não se convertera plenamente à fé judaica.

É importante destacar que, naquele contexto, havia um abismo cultural e religioso entre judeus e gentios. No entanto, Deus agiu de maneira extraordinária ao dar a Cornélio uma visão e instruí-lo a enviar mensageiros a Pedro, um judeu. Esse encontro sobrenatural serviu como uma preparação divina para o que estava por vir e desafiou os preconceitos culturais da época (At. 10,1-8).

Pedro recebeu uma visão extraordinária

O livro de Atos (At. 10,9-23a) revela a visão de Pedro. Nesse cenário, ele estava em Jope e subiu ao terraço para orar enquanto aguardava a preparação da comida. Foi nesse momento que ele teve uma visão notável: um grande lençol descendo do céu, sustentado pelas quatro pontas, contendo animais considerados tanto puros quanto impuros pela lei judaica. Uma voz celestial ordenou a Pedro que matasse e comesse esses animais, o que inicialmente o chocou, uma vez que ia contra as práticas alimentares judaicas.

A visão foi repetida três vezes, e a voz enfatizou que o que Deus purificou não deveria ser considerado “comum ou impuro”. Pedro ficou confuso e meditou sobre o significado da visão. Foi nesse momento que os mensageiros de Cornélio chegaram à sua porta, enviados por um gentio temente a Deus.

Percebendo a intervenção divina, Pedro acompanhou os mensageiros até a casa de Cornélio. A expressão “nada duvidando” também pode ser traduzida como “sem fazer distinção”, indicando a superação do preconceito que poderia surgir em relação à associação com um gentio. O relato enfatiza a ação de Deus em preparar Pedro para um importante encontro que desafiaria suas crenças e ampliaria a compreensão da mensagem de Cristo além das fronteiras culturais e étnicas da época.

Pedro chegou à família de Cornélio

O livro de Atos (At. 23b-48), revela que, no dia seguinte, Pedro, acompanhado de sua equipe composta pelo centurião e três de seus servos, bem como alguns irmãos da região, empreendeu uma jornada de aproximadamente nove horas em direção a Cesareia, onde Cornélio residia. Quando chegaram à casa do centurião, eles encontraram um grupo ansioso para ouvir o que Pedro tinha a transmitir. Cornélio havia reunido sua família, amigos e outros parentes, demonstrando seu interesse na mensagem que Pedro traria. Em um gesto de reverência, Cornélio prostrou-se diante de Pedro, que, com humildade, prontamente o reergueu e adentrou sua casa. As palavras iniciais de Pedro refletiram sua compreensão da mensagem divina, destacando que não era permitido que um judeu entrasse na casa de um gentio, mas, guiado por uma ordem divina, ele reconhecia que não deveria fazer distinção (At. 10,28). Após questionar o motivo da chamada de Cornélio, Pedro pôde perceber claramente como Deus estava agindo nessa missão, preparando o coração de mais um indivíduo para receber a semente do Evangelho.

Cornélio demonstrou uma abertura tão notável que, de imediato, reconheceu a presença do Senhor naquela reunião e identificou Pedro como o mensageiro de Deus. O sermão de Pedro enfatizou que:

1. Jesus anunciou a salvação para Israel, mas Ele é Senhor de todos (At. 10,36).
2. Jesus cumpriu a profecia de Isaías (Is. 61,1-2a).
3. Jesus conviveu com Pedro e os outros apóstolos.
4. Jesus suportou a maldição e a vergonha que não merecia, fazendo-o por amor à humanidade.
5. Jesus ressuscitou e foi testemunhado por muitos;
6. Jesus capacitou discípulos para difundir o Evangelho a todas as nações.

Assim como no dia de Pentecostes, enquanto Pedro ainda proclamava a mensagem, o Espírito Santo desceu sobre todos que ouviam a Palavra. Os irmãos que acompanhavam Pedro ficaram surpresos com o que estavam

testemunhando. Após essa manifestação divina, Pedro os batizou, seguindo o mesmo padrão estabelecido em suas visitas missionárias anteriores. Posteriormente, ele investiu tempo com os novos cristãos, auxiliando na sua caminhada na fé.

Pedro justificou suas ações

Quando a notícia da missão a Cornélio chegou a Jerusalém, Pedro foi interpelado pelos irmãos a respeito do que havia ocorrido. Então, com detalhes minuciosos, Pedro explicou a sequência de eventos (At. 11,4-18). Ele relatou como Deus orquestrou simultaneamente ações em ambas as partes, a ele e a Cornélio, indicando que deveriam se encontrar. Pedro seguiu a ordem cronológica, proporcionando aos irmãos a oportunidade de vivenciarem a experiência com ele.

Quatro aspectos são cruciais na narrativa de Pedro acerca de seu encontro com os gentios:

1. A visão que aboliu as barreiras raciais foi um mandato de Deus. Essa visão, que ocorreu em três ocasiões, ensinou que não havia distinção entre pessoas puras e impuras com base em sua raça.
2. A ordem para acompanhar os servos de Cornélio foi igualmente divina.
3. A preparação realizada por Deus ficou evidente assim que Pedro chegou ao seu destino. Ele ouviu de Cornélio o propósito de sua convocação e como Deus havia preparado ambos para aquele encontro.
4. Enquanto Pedro ainda compartilhava sua narrativa, o Espírito Santo desceu sobre aqueles presentes, incluindo os gentios, evocando paralelos com o acontecimento no dia de Pentecostes.

Após essa explicação e a pergunta de Pedro em Atos (At. 11,7-18), os irmãos aceitaram as razões dadas e glorificaram a Deus em união com Pedro.

Crescimento x adversidade

Em Atos (At. 11,19 e 12,24) há uma transição marcante. O texto fundamental desta lição abrange a conversão do primeiro gentio, por meio da pregação de Pedro, e o início da evangelização sistemática dos gentios, liderada por Paulo. Além disso, somos apresentados ao crescimento da Igreja em Antioquia (At. 1,;19-30) e à perseguição imposta por Herodes Agripa I, em Jerusalém (At. 12,1 -24). Ou seja, a Igreja historicamente se depara com dois desafios recorrentes: expansão e oposição.

Expansão: a Igreja em Antioquia

O conceito de expansão se destaca quando os apóstolos reconhecem que o arrependimento e a pregação do Evangelho não se limitam apenas aos judeus, mas também se estendem aos gregos. A mensagem do Evangelho estava atingindo novos horizontes à medida que os discípulos avançavam em suas missões.

A missão entre os gregos

Em Atos (At. 11,19), Lucas faz uma retrospectiva, lembrando os eventos registrados em Atos (At. 8,1), quando os cristãos dispersos levaram o Evangelho para lugares como Fenícia, Chipre (terra de Barnabé) e Antioquia. Esta última, Antioquia, era uma cidade importante, sendo a capital da província romana da Síria e a terceira maior cidade do Império Romano, após Roma e Alexandria, com uma população de aproximadamente 500 mil habitantes. Embora a maioria dos divulgadores do evangelho se concentrasse na pregação para judeus (At. 11,19b), Antioquia foi uma exceção notável. Entre os cristãos dispersos, havia alguns de Chipre e Cirene que também pregavam o Evangelho aos gregos (At. 11,20). A presença da mão do Senhor com eles resultou na conversão de muitas pessoas.

A missão grega validada por Barnabé

Em Jerusalém, os apóstolos já haviam testemunhado como a Palavra de Deus era bem recebida em Samaria, o que os levou a enviar Pedro e João (At. 8,14). Da mesma forma, notícias positivas chegaram de Antioquia (At. 20-21), e a Igreja decidiu enviar Barnabé para verificar a situação e ajudar a fortalecer aquela jovem Igreja multirracial.

A escolha de Barnabé foi muito acertada, pois suas qualidades o tornaram um líder ímpar. A Igreja, então e agora, necessita de líderes como Barnabé, que se regozijam na graça de Deus, encorajam os convertidos a permanecerem firmes no Senhor e exemplificam qualidades como bondade, plenitude do Espírito Santo e fé (At. 11,23-24). É por essas qualidades que muitos se voltam para o Senhor (At. 11, 24b).



Saulo trabalhou com Barnabé na Igreja de Antioquia

Fonte: imagem gerada em IA.

#paratodosverem: um homem de cabelo e barba preta, com traços grisalhos, vestindo túnica marrom e segurando um pergaminho.

A missão grega consolidada por Saulo

Demonstrando humildade, Barnabé procurou Saulo (At. 11,25) reconhecendo que a evangelização e o ensino exigiam ajuda adicional. A obra do Reino de Deus frequentemente sofre quando líderes agem de maneira egoísta, preferindo realizar sozinhos o que poderia ser feito em equipe. Barnabé convenceu Saulo e, juntos, trabalharam arduamente na Igreja de Antioquia, ensinando uma grande multidão (At. 11, 26).

O fato de Lucas mencionar que foi nessa cidade que os discípulos foram chamados pela primeira vez de “cristãos” (At. 11,26) é notável. O uso desse adjetivo parece não ter conotações depreciativas, já que no início a palavra *christianous* (que significa pequenos cristos) era raramente usada, aparecendo no Novo Testamento apenas mais duas vezes (At. 26,28 e 1Pe. 4,16). A missão grega foi também ratificada pelas boas obras (At. 11, 27-30).

Naquela época, profetas chegaram a Jerusalém, e entre eles estava Ágabo, que profetizou sobre a vinda de uma grande fome em todo o mundo, que se concretizou nos dias do imperador Cláudio (At. 11,28). Nesse momento, a Igreja em Antioquia demonstrou generosidade e preocupação ao enviar ajuda financeira à Igreja-mãe em Jerusalém. Cada crente contribuiu de acordo com sua capacidade (At. 11, 29), seguindo um princípio de compartilhamento que também estava presente nas primeiras comunidades cristãs, onde os bens eram comuns e distribuídos conforme as necessidades (At. 2,44,45). Barnabé e Saulo entregaram os recursos aos presbíteros da Igreja em Jerusalém, marcando a primeira menção a presbíteros na cidade. Esses líderes trabalhavam em colaboração com os apóstolos (At. 15,4; 15-6; 15,22-23, 16,4 e 21,18).

Oposição: a Igreja em Jerusalém

O capítulo 11 do livro de Atos não registra perseguição direta aos cristãos, mas o capítulo 12 inicia com a narrativa da perseguição desencadeada por Herodes Agripa I.

O plano de Herodes

Herodes Agripa I era um governante tirano que, preocupado com a manutenção da paz romana na Palestina, não via com bons olhos as minorias que ameaçavam a estabilidade. Ele começou a perseguir os cristãos, prendendo alguns com o objetivo de infligir-lhes maus-tratos (At. 12,1). Tiago, um dos apóstolos e irmão de João, foi executado por ordem de Herodes (At. 12,2), cumprindo assim a profecia de Jesus registrada em Marcos (Mc. 10,39), que dizia que eles beberiam do mesmo cálice que Ele beberia e seriam batizados com o mesmo batismo.

Surpreendentemente, para John Stott (1994), a morte de Tiago e o exílio de João permanecem como mistérios na providência divina. Herodes, reconhecendo que a morte de Tiago agradava aos judeus, decidiu prender também Pedro durante os Dias dos Pães Asmos (At. 12,3). Isso era uma manobra astuta, uma vez que a tradição judaica proibia julgamentos e execuções durante esse período. Pedro foi detido em uma prisão de segurança máxima e seria apresentado ao público após a Páscoa para um julgamento público e, provavelmente, para ser executado (At. 12,4).

A derrota de Herodes: o libertar de Pedro

No entanto, a igreja intercedeu fervorosamente por Pedro em oração. Como observou John Stott (1994), “de um lado estava a autoridade de Herodes, o poder da espada e a segurança da prisão. Do outro, a Igreja se voltou à oração, a única arma daqueles que não têm poder”. Enquanto a Igreja orava, Pedro dormia tranquilamente entre dois soldados, acorrentado e na iminência de ser julgado (At. 12,6). Um anjo do Senhor apareceu para ele na prisão. Esse anjo acordou Pedro e o libertou, dando-lhe instruções para se vestir e, depois, segui-lo para fora da prisão. Pedro obedeceu sem compreender completamente o que estava acontecendo. Ele pensou que tudo era uma visão, até que percebeu que estava realmente livre (At. 12,7-11). Assim, Pedro foi até a casa de Maria, mãe de João Marcos, onde muitos cristãos estavam reunidos em oração.

Apesar das expectativas da Igreja, quando a criada reconheceu a voz de Pedro, em vez de permitir que ele entrasse, ela correu para informar os

outros que Pedro estava do lado de fora. John Stott aponta que “é irônico que o povo que estava orando com fervor e persistência pela libertação de Pedro pudesse considerar louca a pessoa que lhes informava que suas orações haviam sido respondidas!” Após testemunhar sobre sua libertação miraculosa, Pedro partiu para um outro lugar (At. 12,17), e a descoberta da sua libertação só ocorreu pela manhã (At. 12, 18). Herodes, não encontrando Pedro nem obtendo explicações sobre sua fuga, agiu de acordo com a prática da época e executou os guardas responsáveis pela custódia de Pedro (At. 12,19).

A morte de Herodes

Lucas relata a morte de Herodes Agripa I, que ocorreu em Cesareia, uma cidade localizada na costa do Mar Mediterrâneo (At. 12,19b). Herodes estava em conflito com as cidades de Tiro e Sidom, também situadas na costa do Mediterrâneo, devido a questões econômicas. Essas cidades dependiam da região da Galileia, que estava sob o governo de Herodes, para o abastecimento de trigo.

No entanto, Blasto, um intermediário, ajudou os habitantes de Tiro e Sidom a buscar uma reconciliação com Herodes (At. 12,20). Herodes, usando trajes reais, pronunciou um discurso ao povo (At. 12,21). O povo elogiou Herodes e proclamou sua voz como a de um deus (At. 12,22). Herodes aceitou a adoração, não repreendendo aqueles que o consideravam divino. Em resposta, um anjo do Senhor o feriu mortalmente, porque ele não deu glória a Deus (At. 12,23). A morte de Herodes é descrita com a expressão “comido de vermes, expirou”, destacando a ação divina de juízo (At. 12,23).

A morte de Herodes serve como um exemplo do destino daqueles que se opõem a Deus, são maus, tomam decisões ruins outras pessoas por orgulho. Também é um lembrete da distinção crucial entre a criatura e o Criador.



Um anjo de Deus feriu mortalmente Herodes

Fonte: Freepik.com (2024).

#paratodosverem: um céu escuro, com várias nuvens carregadas. No centro da imagem, a silhueta de uma figura semelhante à humana, de braços abertos, com grandes asas brancas nas costas. Uma forte luz brilha atrás dessa figura.

O espírito santo e a obra missionária

O livro de Atos deixa claro que as atividades missionárias são orientadas pelo Espírito Santo, guiando e capacitando os apóstolos para proclamar o Evangelho a diversas culturas e regiões. Desde o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes até as visões e orientações específicas que os apóstolos receberam, fica evidente que o Espírito Santo desempenhou um papel central na expansão do cristianismo.

Exemplos notáveis incluem a visão de Pedro em Jope, que o levou a ir até a casa de Cornélio, um gentio, marcando um passo crucial na missão para além do povo judeu. Além disso, a escolha e capacitação de Paulo como apóstolo dos gentios é outro exemplo claro da direção do Espírito Santo nas atividades missionárias. A presença contínua do Espírito Santo moldou a dinâmica das primeiras comunidades cristãs e impulsionou a disseminação do Evangelho.

A urgência e soberania de Deus

A Igreja de Antioquia, na Síria, dedicava-se à adoração, serviço e espera no Senhor, tornando-se sensível à direção do Espírito Santo. A iniciativa missionária provém de Deus, e a Igreja de Antioquia demonstrou isso de várias maneiras.

A Igreja buscava orientação através da oração e do jejum, criando um ambiente propício para ouvir a voz de Deus. A oração fervorosa e a busca constante de Deus são essenciais para a orientação espiritual na obra cristã. A Igreja submetia-se ao Espírito Santo, reconhecendo Sua seleção, comissão e direção. O Espírito escolhe indivíduos maduros e frutíferos para a obra missionária, destacando a importância de enviar trabalhadores bem preparados e qualificados.

A Igreja agia em unidade, envolvendo-se no processo de envio, jejum, oração e imposição de mãos. A missão não é uma tarefa individual, mas uma colaboração entre a Igreja e o enviado. O apoio da comunidade é vital para o sucesso da missão (At. 13,1-4a).

Paulo e Barnabé em Chipre

Paulo e Barnabé viajaram para Salamina, em Chipre, onde continuaram a estratégia de iniciar sua pregação nas sinagogas. Paulo, sendo judeu, valorizava a pregação nas sinagogas, respeitando a primazia dos judeus na apresentação do Evangelho.

Em Pafos, capital de Chipre, eles enfrentaram forte oposição de um judeu chamado Barjesus, que praticava magia e se opunha à mensagem cristã. A oposição demonstra a batalha entre o reino das trevas e o reino da luz, onde o poder de Deus superou o da magia (At. 13,4b-12).

Paulo e Barnabé em Antioquia da Pisídia

Paulo e Barnabé chegaram a Antioquia da Pisídia, uma cidade estratégica para a expansão do Evangelho. Eles mantiveram a estratégia de começar nas sinagogas, estabelecendo pontos de contato com os judeus e prosélitos. A pregação de Paulo enfatizou a história de Jesus e o cumprimento das promessas do Antigo Testamento. Ele destacou a necessidade de arrependimento e remissão dos pecados, enfatizando que a salvação estava disponível a todos que cressem em Jesus. Além disso, Paulo e Barnabé lideraram aqueles que creram, demonstrando a importância do discipulado e do crescimento na fé. A oposição surgiu devido à inveja dos judeus, que não conseguiam aceitar a expansão do Evangelho para os gentios (At. 13,13-52).

Paulo e Barnabé em Icônio

Em Icônio, Paulo e Barnabé seguiram a mesma estratégia de começar nas sinagogas. Eles permaneceram na cidade por um longo período, apesar da oposição inicial e da necessidade de perseverança na pregação (At. 14,1-7).

Paulo e Barnabé em Listra e Derbe

Em Listra, a cura de um coxo proporcionou uma oportunidade para a pregação do Evangelho. No entanto, o povo tentou adorar Paulo e Barnabé como deuses, o que exigiu que eles esclarecessem a verdade sobre o único Deus verdadeiro. Em Derbe, os dois continuaram a pregar o Evangelho, não se deixando levar pela adulação ou pela oposição (At. 14,8-20).

O retorno a Antioquia

Após completar a primeira viagem missionária, Paulo retornou a Derbe, Listra, Icônio e Antioquia, fortalecendo as igrejas e garantindo que fossem bem lideradas. Isso demonstra a importância de não deixar os convertidos desorganizados e sem liderança eficaz. O exemplo de Paulo revela a importância de uma estratégia de estabelecer igrejas nas principais

idades do Império Romano. Ele equilibrava o tempo gasto em cada local, garantindo que as comunidades cristãs fossem fortalecidas e capacitadas. (At. 14,21-28)

A consulta e a resolução na assembleia

A Igreja primitiva havia identificado no modelo da congregação local um método democrático aprovado por Deus para suas decisões coletivas (At. 6,1-7). Esse sistema foi concebido para facilitar o funcionamento contínuo da Igreja como um organismo espiritual ao longo dos séculos. A multidão dos discípulos, denominada “comunidade”, convocada para a seleção de liderança em Atos, capítulo 6, se transformou na Igreja ou assembleia mencionada em Atos (At. 8,1 e 3; 9,31; 11,22 e 26; 12,1 e 5). Portanto, a Igreja é, ao mesmo tempo, uma comunidade local e universal, apresentando as características de um organismo vivo, figurado como o Corpo de Cristo na Terra (Ef. 1,22-23).

Para resolver as questões que afetavam a cristandade como um todo, a Igreja primitiva adotou o modelo de um concílio, cujo exemplo é encontrado em Atos, capítulo 15. O primeiro concílio foi realizado em Jerusalém, onde a Igreja tinha sido fundada há pouco tempo. Ao longo da história da Igreja, sempre houve debates e questionamentos de natureza doutrinária. As preocupações que assombraram a Igreja naquele período estavam relacionadas à doutrina da salvação, mais tarde conhecida na teologia cristã como doutrina soteriológica. A questão central era se a salvação dependia da graça e da fé ou se as boas obras eram necessárias como intermediárias entre o ser humano e Deus. Isso foi o cerne do debate conciliar. Alguns indivíduos naquela época afirmavam que a salvação era impossível sem a circuncisão e a observância das leis de Moisés (At. 15,1).



Vista da Cidade Velha de Jerusalém, com o Domo da Rocha ao centro

Fonte: Freepik.com (2040).

#paratodosverem: visão panorâmica da cidade de Jerusalém; o prédio que pode ser visto ao centro é o Domo da Rocha, construção que tem uma base hexagonal e uma grande cúpula dourada no centro.

O debate na Igreja de Antioquia

Jerusalém foi o principal centro de expansão do cristianismo desde o evento do Pentecostes, que marcou o nascimento da Igreja. Antioquia, localizada na Síria, tornou-se o segundo grande centro de disseminação da fé cristã. Foi em Antioquia que os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez (At. 9,2 e 11,26).

Antioquia era uma Igreja composta tanto por judeus da diáspora quanto por gentios. Inicialmente, não havia problemas de comunhão entre judeus e gentios. No entanto, quando alguns partidários do Judaísmo, fariseus, chegaram, surgiram desafios à unidade (At. 15,5). Esses indivíduos tentaram impor um modo de vida judaico a todos os cristãos, sejam judeus ou gentios. Vale a pena citar parte de uma nota de rodapé da Bíblia Anotada de Ryrie sobre Atos 15,1: “Os problemas causados pela presença

de gentios na Igreja chegaram a um ponto crítico. Pedro havia aprendido que nenhum homem deve ser considerado impuro – nem mesmo os gentios” (At. 10,34).

A Igreja em Jerusalém já havia aceitado os primeiros convertidos gentios em pé de igualdade com os judeus. No entanto, um grupo extremamente judaico lançou um contra-ataque, insistindo que os crentes gentios fossem circuncidados. Paulo e Barnabé tiveram um debate acalorado com eles, conforme registrado em Atos (At. 15,2), e o problema foi levado ao Concílio em Jerusalém. Estamos falando sobre o Concílio, mas é importante definir seu significado. A palavra “concílio” tem raízes na palavra latina *consilium*, que significa “assembleia” ou “reunião”. No Novo Testamento, o termo grego utilizado é *synedrion*, que se refere a estar sentado juntos, e é mencionado vinte e duas vezes de Mateus (Mt. 5,22) a Atos (At. 24,20).

Os participantes do Concílio

O problema surgiu durante a atividade missionária, à medida que a Igreja expandia para o mundo gentio, e estava relacionado à essência da pregação missionária e à perspectiva evangélica sobre o caminho da salvação. Era amplamente aceito entre os primeiros cristãos que a salvação era resultado da fé, sem depender das obras. A Reforma, com seu lema de “somente pela graça, somente pela fé, somente as Escrituras”, enfatizou essa verdade. Como Charles Erdman, um comentarista, observou, “o trabalho missionário sempre traz desafios. Requer indivíduos, recursos, reflexão e oração. Exige adaptação de planos pessoais e cooperação entre indivíduos com opiniões divergentes. Apenas igrejas sem vida ficam livres de problemas.”

Os principais líderes da Igreja, incluindo apóstolos e anciãos, concordavam unanimemente sobre a questão da salvação por meio da pregação do Evangelho. Tanto Paulo quanto Pedro, com base em suas experiências recentes de evangelização dos gentios, falavam a mesma linguagem e enfatizavam a salvação dos não judeus por meio da pregação de Cristo ressuscitado (At. 4,12; 15,7-11 e 26,4-8). Portanto, é provável que as

divergências entre Paulo e Pedro, relacionadas ao judaísmo de onde vieram (Gl. 2,11-16), já tivessem sido superadas. Tiago, provavelmente o meio-irmão de Jesus (não deve ser confundido com o apóstolo Tiago, irmão de João, que foi martirizado por Herodes Agripa, (At. 12,1-2), encerrou a discussão citando o cumprimento de uma profecia bíblica (At. 15,13-18).

A decisão comunicada a Antioquia

O Concílio chegou a um consenso e emitiu uma decisão abordando três aspectos cruciais com base em Atos (At. 15, 24-29):

1. Abolição da circuncisão (At. 15,24): os líderes da Igreja afirmaram que não tinham qualquer associação com o “partido da circuncisão” e, portanto, não apoiavam essa abordagem. Pelo contrário, declararam que esses homens, sem a devida autorização, haviam perturbado a Igreja com ensinamentos que causaram agitação (At. 15,24). A Igreja em Jerusalém não endossava o que esses indivíduos estavam pregando, visto que o faziam “sem nenhuma autorização”. Isso ressalta a ideia de que grupos radicais isolados não representam a opinião da maioria sensata e equilibrada na comunidade cristã. Esses grupos podem causar tumulto e perturbação na Igreja. Será que enfrentamos situações semelhantes nos dias de hoje?
2. Os mensageiros escolhidos (At. 1,25-27): ao afirmar que escolheram “homens que arriscaram suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (At. 15,26), o Concílio de Jerusalém deixou claro quem tinha autoridade para falar em nome da Igreja. Essa escolha realçou a importância de indivíduos que demonstraram compromisso e dedicação à causa cristã ao ponto de enfrentar riscos pessoais em nome de Cristo.
3. A decisão unânime (At. 15,28-29): a Igreja de Jerusalém chegou a um consenso e, com confiança, afirmou: Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (At. 15,28). Isso indicou que os líderes da Igreja estavam convencidos de que a decisão tomada não apenas era aprovada, mas também contava com a presença de Deus. O uso da palavra

“pareceu” carrega a ideia de que a decisão estava de acordo com a vontade e a aprovação divina.

É importante lembrar que a questão crucial não se limitava a práticas cerimoniais, mas estava relacionada à salvação. Como se vê em Atos (At. 15,1), o cerne da questão era: “Se vocês não se circuncidarem conforme o costume de Moisés, não podem ser salvos.” Como a salvação depende da fé na obra de Cristo e não das obras humanas, o Concílio concluiu que não importava um fardo maior do que o essencial (At. 15,28). O termo “fardo” sugere a ideia de opressão, peso, carga ou preocupação. Portanto, preocupação, abstenções já faziam parte da orientação de conduta, tais como (1) “coisas oferecidas a ídolos”, (2) “sangue”, (3) “carne de animais sufocados”, (4) “imoralidade sexual”.

Além disso, a questão da imoralidade sexual sempre foi conhecida pelo povo que cresceu lendo “não adulterarás” (Ex. 20,14). No entanto, acreditava-se que a proibição relativa à imoralidade sexual deve ser considerada no contexto dos casamentos ilícitos mencionados em Levítico, capítulo 18.

É importante notar que “todas as abstenções exigidas estavam relacionadas às leis cerimoniais estabelecidas em Levítico 17 e 18, e três delas estavam ligadas a questões dietéticas que poderiam afetar as refeições comuns entre judeus e gentios” (Stott, 1994, p. 280). Portanto, a preocupação dos líderes da Igreja não se limitava à salvação, mas também incluía a comunhão entre os irmãos.

Essas abstinências não devem ser vistas como um dever cristão, mas como um ato de respeito pela consciência dos outros, especialmente pelos convertidos judeus que consideravam esses alimentos como impróprios. No entanto, os cristãos gentios, que não compartilhavam o mesmo contexto cultural, tinham a liberdade de comer tais alimentos, lembrando que Jesus considerou puros todos os alimentos (Mc. 7,19). No entanto, para evitar escandalizar um irmão, era preferível abster-se (Rm. 14,15-23). Esse princípio é aplicável aos cristãos nos dias de hoje, pois não se trata de comer ou não comer, mas sim de abster-se de qualquer coisa que possa fazer seu irmão pecar, induzir alguém a escandalizar-se e errar.

Por meio de uma carta circular contendo essas decisões, enviada em nome de toda a Igreja, as boas notícias chegaram a Antioquia (At. 15,30-35), às outras regiões da Síria e Cilícia (At. 15,40-41) e também às igrejas na parte sul da Galácia, onde Paulo havia estabelecido igrejas nas cidades de Icônio, Listra e Derbe (At. 15, 1-5).

Conclusão

Em nossa exploração do Livro de Atos, testemunhamos a emocionante história dos primórdios da Igreja Cristã, desde o dia de Pentecostes até as missões de Paulo e Barnabé em diversas partes do mundo conhecido naquela época. Descobrimos como o Espírito Santo capacitou os apóstolos e os primeiros crentes a compartilhar o Evangelho, enfrentando corajosamente desafios e oposições.

Atos também nos proporcionaram valiosas lições sobre a importância da oração, trabalho em equipe e liderança guiada pelo Espírito. A Igreja primitiva confrontou questões teológicas, como a salvação pela fé e a relação com as tradições judaicas, resolvendo-as por meio de concílios, como o de Jerusalém.

Através das páginas de Atos, acompanhamos a disseminação da mensagem de Jesus Cristo a todas as nações, cumprindo a Grande Comissão. Aprendemos, ainda, que a obra contínua do Espírito Santo capacita os crentes a serem testemunhas de Cristo em todo o mundo.

O estudo de Atos nos desafia a considerar como podemos aplicar esses princípios e lições em nossa própria jornada de fé. Que nos inspiremos no exemplo dos primeiros cristãos para proclamar o Evangelho, viver em comunhão uns com os outros e crescer em nossa relação com Deus.

Material complementar

Livro

A ação do Espírito Santo na vida da Igreja: comentários expositivos de Hernandes Dias Lopes

A história da Igreja Cristã tem o início registrado no livro de Atos na Bíblia, livro este que tem por autor o apóstolo Lucas. A narrativa precisa de Lucas traz dados preciosos que foram analisados pelo teólogo Hernandes Dias Lopes, com foco mais específico na vida e obra de Pedro e Paulo, e a expansão do Evangelho de Jesus por toda Jerusalém até a chegada na capital do Império Romano.

Vídeo

Série em Atos: como tudo começou – Canal Augustus Nicodemus

Nesta série de 45 sermões proferidos sobre o livro de Atos, o teólogo e pastor Augustus Nicodemus desnuda, com maestria, desde os dados básicos do livro, como sua autoria, contexto história, localidade, datação, destinatário da carta e propósito, até as minúcias da expansão da Igreja e do Evangelho e as missões dos discípulos. Quer se aprofundar no entendimento do livro de Atos e na realidade da Igreja primitiva? Então, não perca esta série! Link: https://www.youtube.com/watch?v=NBJM9xQdPdc&list=PLQ__KBt7xtI8C0XaxuOL0YAh6QVolZ8qI

Artigo

CARA, R. O livro de Atos: várias maneiras de esboçar Atos. Ministério Fiel. 2 out. 2023. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-livro-de-atos/>. Acesso em 11 nov. 2023.

O referido artigo é um recorte preciso e adaptado, com autorização do autor e editora original, do livro *Introdução bíblico-teológica do Novo Testamento*, de Robert J. Cara, da Editora Fiel. Ele apresenta, como o próprio nome diz, algumas maneiras de esboçar Atos, ressaltando suas nuances em perspectivas distintas do mesmo livro, como, por exemplo esboço biográfico focado em Pedro e Paulo, Espírito Santo – esboço de eventos, esboço das seis declarações sintéticas e esboço geográfico.

Referências

BLOG da Igreja Presbiteriana em Toritama. Exposição de Atos. Atos 3: 1 -10. 27 de julho de 2014. Disponível em <https://igrejapresbiterianaemtoritama.blogspot.com/2014/07/exposicao-de-atos-atos-3-1-10.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ERDMAN, C. R. *Atos dos apóstolos*. São Paulo: CEP, 1960, p. 10- 11, STOTT, John. *A mensagem de Atos: até os confins da terra*. 2. ed. São Paulo: ABU, 2008

RAMSAY, W. M. *O significado da recente descoberta sobre a fidelidade do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Fiel, 2018.

SMITH, J. *The voyage and shipwreck of St. Paul (A viagem e o naufrágio de São Paulo)*. Londres, 1866.

STOTT, John. *A mensagem de Atos*. Trad. Markus André Hediger Lucy Yamakami. 1. ed. São Paulo: ABU Ed., 1994. 464p.

RYRIE, C. *A Bíblia de Estudo Anotada Expandida*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1991. 1.504p.

